

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN**

Amanda Carvalho Gomes

ENTRE RASTROS E MEMÓRIAS DOS CINEMAS DE RUA EM ARAXÁ:
um estudo sobre o Cine-teatro Brasil

**Juiz de Fora
Dezembro de 2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

ENTRE RASTROS E MEMÓRIAS DOS CINEMAS DE RUA EM ARAXÁ:
um estudo sobre o Cine-teatro Brasil

Amanda Carvalho Gomes

Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Cinema e Audiovisual sob
orientação da Profa. Dra. Alessandra Brum

Juiz de Fora
Dezembro de 2017

Amanda Carvalho Gomes

ENTRE RASTROS E MEMÓRIAS DOS CINEMAS DE RUA EM ARAXÁ:
um estudo sobre o Cine-teatro Brasil

Monografia apresentada ao curso de Cinema e Audiovisual, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Brum.

Aprovada pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Alessandra Souza Melett Brum (IAD/UFJF) – orientadora

Prof. Dr. Luís Alberto Rocha Melo (IAD/UFJF) – convidado

Prof. Dr. Sérgio José Puccini Soares (IAD/UFJF) – convidado

Conceito Obtido: _____.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20____.

AGRADECIMENTOS

Deixo meus sinceros agradecimentos:

Aos meus pais, Cleuza e Marcos, pela confiança, firmamento e amor incondicional.

Aos professores do curso de Cinema e Audiovisual, por compartilhar conhecimento e contribuir para o meu crescimento intelectual e moral.

À minha orientadora, Alessandra, pelo amparo, força e inserção em duas bolsas, principalmente pelo projeto Minas é Cinema, que me permitiu dedicar os dois últimos semestres à presente pesquisa.

Aos professores Luís Alberto e Sérgio, por aceitarem compor a banca de defesa e pelas valiosas contribuições e observações feitas na mesma.

Aos técnicos da universidade, profissionais qualificados que me oportunizaram frequentar e utilizar ferramentas de excelente auxílio.

Aos amigos e colegas que entraram em minha vida, fazendo com que eu trilhasse um caminho de passos serenos e divertidos em vossas companhias.

Ao Cristiano, meu companheiro, pelo amor, apoio e carinho em todos os momentos.

Às funcionárias da Fundação Cultural Calmon Barreto, Keyla e Viviane, pela ajuda e atenção. À Raquel, professora e colega de museu, pela assistência e pelo esforço em procurar junto comigo uma revista “perdida”.

À Silvanita, pelos conselhos e pela generosidade em me dispor suas pesquisas.

À Vanessa, pela simpatia e gentileza de me colocar em contato com sua mãe.

À Celuta e às irmãs Rasma e Regina, por abrirem suas portas e me confiarem suas memórias, com solicitude e disposição. Aos entrevistados à distância, Azor e Nicanor, também pelas memórias partilhadas. Sem vossas contribuições o trabalho estaria incompleto.

Ao Eduardo, por elucidar minhas dúvidas sobre as fotos antigas com boa vontade.

A tudo e a todos: gratidão e respeito.

RESUMO

Este trabalho é uma abordagem historiográfica sobre a cidade de Araxá, Minas Gerais, e seus respectivos cinemas de rua: Cinema-Araxá, Cine Trianon, Cine-teatro Brasil, Cine-teatro Araxá e Cine-rádio Imbiara, abarcando o período de seus surgimentos, da década de 1910 à de 1950. Ao lado disso, procura-se estudar o Cine-teatro Brasil, um dos cinemas mais notórios e duradouros ainda existente, apesar de fechado, traçando sua trajetória de funcionamento. Objetiva-se catalogar tais salas araxaenses e fazer um levantamento histórico mais aprofundado deste único que ainda está em pé a fim de ressaltar a importância em se ter um referencial do processo de exibição, além de exaltar seu papel histórico, cultural e social. Para tanto, foi utilizado da metodologia da história oral ao buscar relatos de vida de pessoas que de alguma forma se relacionaram com o Cine Brasil; pesquisa em acervo de jornais circulados na cidade até o ano de 1960; e também revistas e livros. Conclui-se que o cinema foi um dos aspectos de progresso que Araxá buscou durante a primeira metade do século XX, no intuito de lançar formas de lazer tanto para seus habitantes, quanto visitantes. Contudo, atualmente o cinema não ocupa a mesma atenção. Espera-se, por fim, que este trabalho preencha lacunas sobre a pesquisa dos espaços exclusivos de exibição cinematográfica e que seja um registro de suas memórias, abrindo possibilidades para investigações futuras.

Palavras-chave: Cinema, Cidade, Memória, Preservação, Exibição.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Fase final da construção da Igreja Matriz de São Domingos. (Fonte: FCCB)	18
Figura 02 – Antiga Matriz de São Domingos, década de 1920. (Fonte: FCCB).....	19
Figura 03 – Estação Ferroviária Oeste de Minas e Praça Arthur Bernardes. Ao lado esquerdo, residência do engenheiro ferroviário Almeida Campos, diretor da Estação. (Fonte: FCCB) ..	21
Figura 04 – Praça Cel. José Adolpho. Coreto à esquerda, e à direita o prédio da subestação de luz. (Fonte: FCCB).....	22
Figura 05 – Aquáticas posando para foto. (Fonte: FCCB).....	23
Figura 06 – Vista aérea do Complexo Hidrotermal do Barreiro. Ao centro o Grande Hotel e abaixo, com estrutura ondulada, a Fonte Andrade Júnior. (Fonte: FCCB).....	25
Figura 07 – Tabela com as características da cidade de Araxá nos anos 1950. (Fonte: ARAXÁ, 1956, p. 4).....	27
Figura 08 – Programa do dia 8 de junho de 1913 no Cinema-Araxá. (Fonte: CINEMA ARAXÁ, 1913)	32
Figura 09 – Vista da rua onde funcionava o Cinema-Araxá. (Fonte: FCCB).....	32
Figura 10 – Capa e contracapa do programa recreativo-social exercido pela União de Moços Católicos de Araxá no Cine-Capitolio, “gentilmente cedido pelo seu proprietário, Snr. Elias Porfírio de Azevedo”. (Fonte: Acervo de Silvanita Marques)	34
Figura 11 – Fachada do Cine Trianon, meados de 1920. (Fonte: FCCB).....	35
Figura 12 – Programa da semana do dia 20 de janeiro de 1929 no Cine Trianon. (Fonte: CINE TRIANON, 1929, p.1)	36
Figura 13 – Vista da Avenida Antônio Carlos, do lado contrário do Cine Trianon, onde percebe-se senhoras caminhando e automóvel descendo. Década de 1940. (Fonte: FCCB)	37
Figura 14 – Programa do ano de reinauguração. Na quinta-feira, 8 de junho de 1939, foi exibido Folia a bordo. (Fonte: Acervo de Silvanita Marques).....	38
Figura 15 – Programas do Cine Trianon. À esquerda quando a sala estava arrendada pela Empresa Teatral Paulista. À direita sob direção dos Irmãos Porfírio de Azevedo. (Fonte: CINE TRIANON, 1957, p. 2, CINE TRIANON, 1959, p. 4).....	39
Figura 16 – Programação da semana do dia 26 de janeiro de 1958 no Cine-teatro Araxá. (Fonte: CINE, 1958, p.1).....	40
Figura 17 – Destaque da programação da primeira quinzena do mês de fevereiro de 1979 do Cine Brasil, onde estão os horários da sala do Grande Hotel. (Fonte: Acervo de Celuta Rezende)	41

Figura 18 – Entrada principal do Cineteatro Tiradentes por ocasião do 1º Araxá Cine Festival. Foto de Alex Silva. (Fonte: Aurora de Cinema).....	42
Figura 19 – À direita, o segundo prédio da esquina. Fotografia antes de 1946. (Fonte: FCCB)	43
Figura 20 – Programação da semana de 6 de dezembro de 1952. (Fonte: CINE, 1952).....	43
Figura 21 – Vista externa do Cine Glória. (Fonte: Cinearte, 1932, p. 5).....	46
Figura 22 – Público presente no Cine Glória em um festival dedicado à Cinearte. Nota-se exposta a revista número 219. (Fonte: Cinearte, 1930, p. 36).....	49
Figura 23 – Banquete oferecido ao bispo Dom José Gaspar no salão do Cine-theatro. (Fonte: FCCB)	54
Figura 24 – Fachada do Cine-theatro Brasil, no início da década de 1940. (Fonte: FCCB)....	56
Figura 25 – Rua Olegário Maciel, antiga Boa Vista. Década de 1940. (Fonte: FCCB)	58
Figura 26 – Programação do Cine Brasil na semana de 8 de novembro de 1952. (Fonte: CINE BRASIL, 1952, p. 3)	59
Figura 27 – Programação do Cine Brasil na semana de 20 de outubro de 1957. (Fonte: CINE, 1957, p. 6).....	62
Figura 28 – Anúncio da apresentação do pianista João Carlos Martins no Clube Brasil. (Fonte: RECITAL, 1959)	63
Figura 29 – Cartazes de filmes exibidos no Cine Brasil. Década de 1960. (Fonte: Acervo Silvanita Marques)	67
Figura 30 – Cartaz do Cine Brasil. Década de 1960. (Fonte: Acervo de Azor Pimenta)	69
Figura 31 – Vista externa do prédio passando por reformas para abrigar a Casa do Poeta. Ano: 2000. (Fonte: FCCB).....	71
Figura 32 – Interior da sala do Cine Brasil passando por reformas. Ano: 2000. (Fonte: O TREM DA HISTÓRIA, 2000, p. 5)	71
Figura 33 – Interior da sala do Cine Brasil. Década de 1940. (Fonte: MACHADO, SILVA, 1946)	72
Figura 34 – Interior da sala do Cine Brasil após reformas e durante palestra. Foto de Alex Carvalho. (Fonte: ACIA).....	72
Figura 35 – Fachada do Cine Brasil após reforma. Ano: 2008. (Fonte: FCCB)	73
Figura 36 – Fachada do Cine Brasil, fechado. Ano: 2017. Foto de Amanda Gomes. (Fonte: Acervo próprio)	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ARAXÁ: NASCIMENTO E CRESCIMENTO	11
2.1 PRIMÓRDIOS DE UMA CIDADE: 1700 A 1899	11
2.2 O CONTEXTO ARAXAENSE DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	16
3 A CHEGADA DO CINEMATÓGRAFO E O SURGIMENTO DOS CINEMAS DE RUA	29
3.1 A INVENÇÃO CINEMATOGRAFICA E O CONTEXTO TARDIO EM ARAXÁ ...	29
3.1.1 CINEMA-ARAXÁ.....	30
3.1.2 CINE TRIANON.....	34
3.1.3 CINE-TEATRO ARAXÁ.....	40
3.1.4 CINE-RÁDIO IMBIARA.....	42
4 CINE-TEATRO BRASIL: TRAJETÓRIA DE ASCENÇÃO.....	45
4.1 CINE-THEATRO GLÓRIA: A GÊNESE.....	46
4.2 ALUGUEL NAS MÃOS DO MUNICÍPIO: O CINE-THEATRO MUNICIPAL.....	51
4.3 REMINISCÊNCIAS	57
5 CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS.....	77
1 BIBLIOGRÁFICAS.....	77
2 ENTREVISTAS.....	79
3 IMAGENS AUDIOVISUAIS E FOTOGRÁFICAS	80
4 JORNAIS.....	81
5 REVISTAS	87
6 SITES	88

1 INTRODUÇÃO

O cinema, enquanto objeto artístico, está em constante mudança, intrinsecamente se relacionando com a sociedade, de maneiras afetiva, habitual e comportamental, sob uma experiência corpórea e perceptiva. Ao ser instalado em uma via pública, marcou não só a história cinematográfica como o imaginário das pessoas, contribuindo com uma democrática sociabilização. Em um prédio próprio, o espetáculo artístico não começa apenas no momento em que se senta em uma sala escura, mas sim desde a entrada pela fruição arquitetônica e decorativa da fachada, da bilheteria, das salas de espera e, por último, de projeção.

Por volta de 1980, no Brasil, esses espaços começaram a entrar em desuso, devido a vários motivos, entre eles inflação, sucateamento das salas, especulação imobiliária e surgimento do formato *multiplex* em *shoppings centers*. Até essa época, existiam muitas casas exibidoras em cidades do interior, com uma proporção bem maior em relação ao número de habitantes que atualmente. O que se pode afirmar é que desde então o circuito exibidor foi se centralizando em cidades grandes, sobretudo nas que já possuíam cadeias de *shoppings*. Nos últimos anos, é possível ver investimentos para ampliação do acesso aos cinemas, como o programa Cinema Perto de Você, da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) em financiamento pelo Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES).

Pesquisas sobre a exibição cinematográfica se encontram pouco aprofundadas e difundidas. Na particularidade do tema, a presente pesquisa se volta para a cidade mineira de Araxá, onde são levantados os cinemas de rua que existiram na cidade, fundados entre as décadas 1910 e 1950. Para tanto, consultou-se o acervo de jornais e revistas da cidade, presente na Fundação Cultural Calmon Barreto, e utilizamos para a elaboração deste trabalho a revista *O Trem da História*, da própria fundação, e 10 de 15 títulos de jornais da cidade, correspondidos em 1913 a 1960. São eles: *A Faísca*, *Almenara*, *A Opinião*, *Cidade de Araxá*, *Correio de Araxá*, *Gazeta de Araxá*, *Gazeta do Araxá*, *Jornal de Araxá*, *Rotary Club* e jornal *Renovação*.

Ademais, o trabalho de pesquisa traça um estudo de caso sobre o Cine-teatro Brasil. Seu prédio foi inaugurado em 1930, com o nome de Cine-theatro Glória, e o cinema foi fechado em 2015 após a não renovação do contrato com o município, em um momento de abertura de duas salas 3D no recém-aberto *shopping*. O Cine Brasil margou gerações, inclusive a minha. Recordo-me da primeira vez que entrei em suas dependências: foi com 6 anos de idade, quando minha mãe levou eu e minha irmã, logo após a reforma do prédio, para assistir a *Xuxa e os Duendes* (Paulo Sérgio Almeida, Rogério Gomes, Brasil, 2001). A poltrona estofada vermelha com assento reclinável me chamou a atenção, ao mesmo tempo que me deixou desconfortável.

Acreditando que as memórias, até então silenciosas, referentes ao Cine-teatro Brasil possuem força e valor enquanto registro histórico, além de afetivo, a pesquisa se valeu do método de história oral para entrevistar pessoas que de alguma forma se relacionaram com este cinema. Dessa forma, objetivamos trazer um olhar contemporâneo ao trabalho, que a partir da pesquisa em periódicos já contava com amplo levantamento prévio; preencher lacunas que os registros em acervo não permitiam; e refletir sobre o passado cinematográfico, no que concerne a exibição nas salas de rua, a fim de abster que se tornem historicamente evanescentes.

Realizamos revisão bibliográfica para a contextualização da cidade de Araxá no Capítulo 2, “Araxá: nascimento e crescimento”, em razão da necessidade de se compreender que tipo de cidade interiorana é essa, como ela surge e como se estabelece. Ainda nesse capítulo, no subtítulo 2.2 “O contexto araxaense da primeira metade do século XX”, abordamos como a cidade recebe os tempos modernos e progride sob o intento de ser um polo turístico e cultural. Nessa parte são incluídas as referências de publicações periódicas as quais abarcam o recorte do aparecimento de cinemas de rua neste município.

O Capítulo 3 é uma investigação sobre a exibição cinematográfica no Brasil, especialmente no Estado de Minas Gerais, tendo em vista que o primeiro contato do estado mineiro com o cinema aconteceu em Juiz de Fora, uma cidade interiorana, no Teatro Juiz de Fora dos irmãos Alfredo e Frederico Ferreira Laje em 1897. Dentro do subitem 3.1 “A invenção cinematográfica e o contexto tardio em Araxá”, incorpora-se os conceitos de “primeiro cinema” configurados pela pesquisadora Flávia Cesarino Costa (2005), e relacionam-se quatro cinemas surgidos em Araxá nas primeiras décadas de 1900: Cinema-Araxá, Cine Trianon, Cine-teatro Araxá e Cine-rádio Imbiara.

O Cine-teatro Brasil, objeto de estudo desse trabalho, destaca-se dos demais cinemas de rua para ser melhor descrito e aprofundado no Capítulo 4 “Cine-teatro Brasil: trajetória de ascensão”. Nele, dissertamos sobre a trajetória do mesmo, incluindo o levantamento do histórico do prédio, a recepção da imprensa em vista de seu funcionamento e as entrevistas com a antiga funcionária Celuta Rezende; as irmãs Rasma e Regina Porfírio de Azevedo, netas do fundador do Cine Trianon e sobrinhas dos irmãos Porfírio, arrendatários também do Cine Brasil durante os anos 1950; o cinéfilo e colecionador Azor José Pimenta; e Nicanor de Freitas Filho, que teve um tio, um primo e um irmão operadores no Cine Brasil. Destacamos a aparelhagem técnica da sala, ainda em seus primórdios como Cine-theatro Glória, o arrendamento do município e posteriormente do Clube Brasil, e o reduto de sociabilidade que se construiu no seu entorno.

2 ARAXÁ: NASCIMENTO E CRESCIMENTO

2.1 PRIMÓRDIOS DE UMA CIDADE: 1700 A 1899

Araxá, cidade localizada a sudoeste do Estado de Minas Gerais, situa-se na região do Alto Paranaíba, assim nomeado por se encontrar a alguns metros acima do rio Paranaíba, que nasce por entre planalto e serras, até que se encontra com o Rio Grande e juntos formam as vértices do “Triângulo Mineiro”. Elevada a 973 metros, com um horizonte vasto, planícies e terras férteis, Araxá se fez e se construiu, permanecendo ainda hoje em constante crescimento.

Herdou em seu nome a tradição tupi. As raízes ‘ara’ e ‘xá’ correspondem, respectivamente, a plano e elevação, sendo comum se definir, por extensão, como “um lugar alto onde primeiro se avista o sol”. Por suas colinas, de fato, habitou a tribo Arachás, que pôde conviver, durante um período do século XVIII, com a população do Quilombo do Ambrósio ou Campo Grande, um dos maiores do país, além também do povoado que posteriormente passou a se chamar Desemboque (atual distrito da cidade de Sacramento) e de todo o chamado “Sertão da Farinha Podre”, territórios então pertencentes a Capitania de Goiás (MARTINS, 2008).

Mística e supersticiosa como é, Araxá possui vários mitos e lendas, inclusive sobre os indígenas Arachás. No entanto, é possível ter mais certeza a respeito dessa tribo consultando documentos históricos do período colonial brasileiro. Um exemplo é a carta do Governador e Capitão-General da Capitania de Goiás, D. Marcos de Noronha, ao rei português Dom João V, datada do final de 1749, em que se lê: “o gentio Arachás, que vive sobre a passagem do Rio Grande no caminho que vai para São Paulo, tem pedido que querem missionário, e que querem ser governados por homens brancos” (*apud* MARTINS, 2008, p. 227-228). O Governador descreve que seriam mandados, juntamente com o sertanista Antonio Pires de Campos, dois padres para o aldeamento e ainda acrescenta que “a parte mais a propósito para a criação desta aldeia é junto ao Rio das Velhas [atual Rio Araguari] porque com ela se segurará melhor aquele caminho e ficará menos exposto às hostilidades que nele têm feito repetidas vezes o gentio Caiapó” (*ibidem*, p. 228).

Ainda segundo Martins, foi dessa forma que, sob os fundamentos de Pires de Campos e missão jesuíta do superior Pe. José de Catilho, os Arachás se instalaram na Aldeia do Rio Claro, às margens do Rio Grande, um local de opulência natural, seja de frutas, de caça ou de pesca (2008, p. 229). Em outra carta enviada ao rei, no começo de 1751, pelo Capitão-General de Goiás, explana-se que “determinou-se que o pe. José de Castilho passasse para Rio das Velhas e que fizesse suas casas, uma capela e plantasse roças para que, no tempo que se

recolhesse o gentio, achasse logo mantimentos e tudo mais que lhes fosse de utilidade” (*apud* MARTINS, 2008, p. 230). Todavia, se a grande preocupação era manter os Arachás fora do caminho dos Caiapós, qual não foi a surpresa quando essa tribo invadiu a aldeia, matando todos os homens e capturando as mulheres e crianças, para fins canibais, visto que tal tribo se alimentava de carne humana. Como se lê, na mesma carta do Capitão-General: “Com esta novidade foi preciso tomar diversas medidas, porque, da nação Arachás, não ficou mais do que mortos, porque os homens extinguiu, o gentio Caiapó, totalmente” (*ibidem*).

Martins (2008) coloca que, nessa época, a maior parte da população das Minas Gerais era negra, preponderantemente vinda devido à atividade mineradora. Porém, era possível se comprar a alforria e ascender socialmente, trabalhando em cargos públicos, militares, no comércio, e inclusive adquirir escravos. Os forros, como estes eram chamados, eram “a maioria esmagadora da população livre” (p. 216). Quando não possuíam um cargo, eles trabalhavam com as próprias mãos, em profissões “de artes e ofícios, tais como sapateiro, carapina, marceneiro, alfaiate, latoeiro, músico, lenheiro, barbeiro, seleiro, escultor etc.” (p. 277).

A elite branca, incomodada com a presença do preto livre na sociedade, impôs, a partir do decreto real de 1725, a proibição de quem tivesse “sangue impuro” de pertencer a cargos públicos. Outra medida tomada como forma de cercear os direitos dos forros foi a Lei da Capitação, cobrada entre os anos de 1734 e 1750, que demandava que cada dono de escravo (fosse o dono branco, índio ou forro) deveria pagar, literalmente “per capita”, por cabeça de escravo que possuísse. Da mesma forma, quem trabalhasse com as próprias mãos deveria pagar sobre si mesmo esse imposto, caso contrário sofreria de diversos tipos de penas (MARTINS, 2008, p. 319).

Destarte, muitos forros e brancos pobres fugiram das vilas para os sertões, o que aumentou a população dos quilombos, como a Povoação do Ambrósio, tido como o maior e mais duradouro de Minas Gerais. A pesquisa de Tarcísio José Martins (2008) é uma das mais completas sobre a história do negro no Brasil setecentista. O autor conta que a Povoação citada fazia parte do Quilombo do Campo Grande, como uma capital, era liderado pelo rei Ambrósio, e pertencia a região do que atualmente é o município de Cristais.

Os residentes sobreviviam do ouro presente nos ribeirões e córregos, e também de plantações (MARTINS, 2008, p. 460-461). Com a evasão dessa parcela da população para os sertões, a arrecadação da Capitação também diminuiu, e Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão-General das Minas Gerais, ordenou um ataque ao Quilombo, em 1746 (*ibidem*, p. 877). Gomes Freire não só estava preocupado com as questões econômicas, como também territorial, visto que vivia em embate com as fronteiras paulistas.

Nesse acometimento, liderado pelo capitão Antônio João de Oliveira, o rei Ambrósio foi morto. Muitos, no entanto, sobreviveram e fugiram para o outro lado do Rio São Francisco, formando um novo Quilombo do Ambrósio, nas imediações dos municípios de Campos Altos e Ibiá. No ano de 1759, em outra expedição armada e encabeçada por Bartolomeu Bueno Prado, o Quilombo foi incendiado e dizimado (*ibidem* p. 501).

A existência de águas minerais e de terras férteis na região de Araxá atraiu, já na segunda metade do século XVIII, novos moradores: pecuaristas e tropeiros. Esses últimos se deslocavam em comitivas de cavalos ou mulas, que carregavam vários tipos de mercadorias, para comercializar nas aldeias e diversas regiões distantes do litoral do país. No segundo caso, grande parte da nova povoação veio do Desemboque, que devido ao declínio da mineração “saíram à procura de novas terras e pastagens propícias para a pecuária” (FCCB, 2010, p. 58). Entretanto, também vieram para a região colonizadores de outros locais de Minas Gerais, tais como Mariana, Oliveira, Paracatu, Piumhi, Pitangui, Sabará, São João Del Rei e São Bento do Tamanduá (atual Itapeçerica).

No Sertão dos Araxás surgem, assim, as primeiras fazendas; todas usufruindo das águas ricas em sais minerais da Mata do Bebedouro¹, essenciais para “salgar o gado”, isto é, prover que os rebanhos se alimentassem do sal presente das águas e rochas, sem necessidade de adquirir sal de fora. Como bem observou o estudioso alemão barão von Eschwege, em expedição pela região no início do século XIX, “mais vantagens possuem as fazendas em formações calcárias, onde o sal se nitrifica em muitos pontos, chamados *barreiras* [...]. Mais valiosas, ainda, as fazendas de onde brotam fontes saliníferas, mais frequentes nos distritos de Araxá e Desemboque do que em outras regiões” (ESCHWEGE, 1996, p. 104).

“A partir do século XVIII, as formas de ocupação da terra e de uso das águas delinearam o desenho urbano a ser impresso nos espaços de Araxá” (LIMA, 2007, p. 30), sendo que inicialmente formou-se o Arraial de São Domingos do Araxá, assentamento que respeitando as medidas da época rodeava a capela dedicada ao santo de seu topônimo. A devoção a esse santo espanhol, fundador da Ordem Dominicana que se iniciou no sul da França do começo do século XIII, tem origens que se aludem aos colonizadores espanhóis que pela região dos Araxás fizeram passagem (*ibidem*), e tal devoção perdurou por toda a evolução daquele demarcado território. Entre 1782 e 1785, concedeu-se e demarcou-se a Sesmaria do

¹ Segundo Lima, o nome Mata do Bebedouro inicialmente se referia a região do Barreiro e “foi gradativamente alterado”. LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Via de duplo sentido: Araxá cidade-balneário 1920-1940*. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 29.

Barreiro, onde se encontrava o Arraial de São Domingos de Araxá, e “em 1788 [...] foi celebrada a primeira missa no território” (IBGE, 1959, p. 100).

Para ser elevada à categoria de Freguesia, o Arraial seguiu todas as condições, entre elas ter “terras doadas ao patrimônio da Igreja” (MARX *apud* LIMA, 2007, p. 30), o que foi feito pelo fazendeiro Alexandre Gondim. No dia 20 de outubro de 1791, fundou-se a Freguesia de São Domingos do Araxá. Por essa ocasião, era comum que as capelas se reformassem ou fossem substituídas para comportarem, nesse momento, as paróquias das freguesias. Foi assim que em 1795 Alexandre Gondim deu início a construção da primeira Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão, ao mesmo tempo em que a povoação começava a se acentuar, delineando-se contornos urbanos como a Praça da Matriz, as ruas, os casarões e os sobrados (FCCB, 2010, p. 59).

Pela rápida prosperidade, a Freguesia de São Domingos do Araxá elevou-se a condição de Julgado, ou seja, “sede de justiça”, no final de 1811, dia 20 de dezembro, contando para isso com um Juiz Ordinário. “Em virtude do Alvará de 4 de abril de 1816, a Freguesia foi transferida da antiga província de Goiás, à qual pertencia desde sua criação [1766], para a de Minas Gerais” (IBGE, 1959, p. 100). Essa desmembração ocorreu juntamente com a separação de Desemboque, motivada pela distância de ambos com a capital goiana, e se deveu graças a movimentação dos moradores daqueles Julgados, que enviaram um plenipotenciário ao Rio de Janeiro, capital do país à época (ESCHWEGE, 1996, p. 105).

Contratado para estudar a mineralogia do Brasil, barão von Eschwege foi ordenado a determinar a divisão entre as fronteiras de Goiás e Minas Gerais, após a separação de Araxá e Desemboque da Província goiana. Nas suas palavras, quando chegou “era domingo e o lugar estava repleto de pessoas que desejavam transmitir-me a satisfação pela sua libertação do domínio goiano, como se tratasse de indivíduos que, por longo tempo, houvessem sofrido o jugo estrangeiro e, finalmente, voltassem ao soberano de direito” (ESCHWEGE, 1996, p. 105). Ele observou que o Julgado de São Domingos do Araxá possuía 75 fogos e tinha “ruas longas e retilíneas” (*ibidem*, p. 106).

Além disso, estudou o promissor minério de ferro e as fontes de águas minerais, relatando à Coroa que elas não só serviam como alimento ao gado, como possuíam propriedades medicinais. Sua tese da capacidade de florescimento de Araxá pode ser entendida quase como uma profecia do que veio a ser a cidade na primeira metade do século XX, com o desenvolvimento econômico e turístico muito ligado à capacidade mineradora (dissertaremos sobre isso mais à frente). De forma parecida, em 1819, foi a vez do naturalista francês August de Saint-Hilaire percorrer o Julgado e analisar as fontes do Barreiro (LIMA, 2007, p. 31).

Em um de seus relatos, barão von Eschwege conta que em sua visita em 1816, chegou a receber ofertas de presentes “para que eu [barão] conseguisse que o recente arraial de São Domingos do Araxá fosse elevado a vila, só para ter primazia sobre o arraial mais antigo de Desemboque e para que uma determinada pessoa importante do lugar fosse nomeada capitão-mor” (ESCHWEGE, 2001, p. 66). Ademais, queriam que o nome fosse trocado para Vila Viçosa, em referência a casa de campo de Dom João VI em Portugal, porém o Governador mineiro fora contra a mudança, preferindo que batizassem a Vila com a mesma toponímia que esta já carregava. Apesar dessa vontade e da disputa com Desemboque, foi somente anos depois, em 13 de outubro de 1831, que o julgado foi elevado à Vila sob denominação de São Domingos do Araxá. Foram edificados o Fórum, a Cadeia Pública e a primeira Câmara Municipal, empossada, no início de 1833, pelos membros eleitos pela população (FCCB, 2010, p. 6).

A vida política em Araxá, por conseguinte, começou a se formar. No ano de 1842, por conta da reestruturação conservadora do imperador Dom Pedro II, liberais se rebelaram pela retirada de autonomia dos municípios em Minas Gerais e São Paulo. Na Vila de São Domingos do Araxá, o presidente da Câmara Cel. Fortunato José da Silva Botelho liderou o movimento dos liberais, que contava também com a mobilização de cinco distritos viliais (FCCB, 2010, p. 61). Em 20 de julho ocorreu uma disputa entre liberais (chimangos) e conservadores (caramurus), no largo da Igreja Matriz de São Sebastião. Nesse episódio, um soldado morreu entrincheirado na torre, que teve de ser retirada, além da igreja ser fechada por certo tempo (BORGES, 2015, p.12). No final, os rebeldes foram derrotados, retirando-se cada qual para seus distritos, e alguns foram presos e julgados (FCCB, 2010, p. 62).

Fundamentalmente, é possível dizer desse período que,

Nesse contexto, a Vila de São Domingos de Araxá dividia-se politicamente entre liberais e conservadores, praticava a pecuária e a agricultura e tentava organizar-se administrativamente, embora com imensas dificuldades. A água, riqueza natural dessa terra, trazia perspectivas econômicas, mas o seu uso apresentava problemas de abastecimento e de saúde para os habitantes. As mulheres tiveram pela primeira vez a oportunidade de frequentarem uma escola primária e criou-se a primeira loja maçônica. Culturalmente, os araxaenses manifestavam seus costumes e tradições através da música, do folclore e da religião. E, através de um decreto da Província de Minas Gerais, assinado em 19 de dezembro de 1865, a vila tornou-se cidade de Araxá (ARAXÁ, 2015).

Foi após participação de araxaenses na Guerra do Paraguai que se decretou a vila como cidade, o que reforça o poder político que Araxá possuía na região. Em 1889, com a Proclamação da República, criou-se um Conselho de Intendência responsável a administrar a cidade até que fosse consolidado o regime republicano. Após essa fase, a Câmara Municipal

retomou sua função e logo foram preparados melhoramentos urbanos, tanto de higiene quanto de embelezamento (ARAXÁ, 2015).

Ao final do século XIX, a agora republicana Araxá começou a receber imigrantes, sobretudo árabes e italianos, vindos em consequência da política de incentivo a imigração do Estado de Minas Gerais (LIMA, 2007, p. 37). Assim descrito no livro “Araxá, 150 anos: História, Cultura e Desenvolvimento”:

Um dos primeiros que chegaram ao território araxaense foi o franco-suíço Frederico Augusto Montandon, por volta de 1830. [...] Em 1863 chega à cidade a professora francesa Victorine Cousin. Depois, com a vinda de sírio-libaneses e italianos em maior número e de portugueses, franceses, alemães, austríacos, húngaros, espanhóis e iugoslavos, observou-se a introdução de serviços, a mudança de hábitos e de padrões de comportamento na cidade (FRANÇA, 2015, p. 35).

Dada as inaugurações das estações da “Companhia Mogyana de Estradas de Ferro” nas proximidades da cidade (em Jaguará, Sacramento e depois Uberaba), facilitou-se a imigração e também o comércio. Os criadores de gado passaram a adquirir o sal vindo do transporte ferroviário, fazendo com que as águas passassem a ser de uso terapêutico, exclusivamente humano (LIMA, 2007, p. 35).

A década em que o mundo viu surgir uma das maiores invenções, desenvolvida pelos irmãos Auguste e Louis Lumière – o cinematógrafo -, ainda reservava melhoramentos à Araxá antes que ela fosse apta a receber tal dispositivo. Segundo Glaura, “no comércio local podiam ser adquiridas, em 1891, algumas "vistas da cidade e do Bebedouro", oferecidas pelo fotógrafo Emílio Travers. Desde 1880 podiam-se observar alguns hotéis sendo instalados, quase sempre no largo da Matriz (atual praça Coronel Adolpho)” (LIMA, 2007, p. 38). Como veremos adiante, foram nas primeiras décadas do século XX que Araxá conseguiu alcançar grandes melhorias, como calçamento, eletricidade, estrada de ferro e, especialmente, cinemas!

2.2 O CONTEXTO ARAXAENSE DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

O advento da modernidade – palavra de ordem em todo o mundo ocidental – instaurava novas práticas culturais, dentre as quais o consumismo. A instalação de grandes magazines e casas comerciais, que traziam para o consumidor brasileiro produtos industrializados de todas as partes do mundo, favorecia um crescente exibicionismo. A moda era olhar as vitrines e desfilar pelas ruas com os novos produtos – chapéus, roupas, sapatos e, logo, automóveis... Ver e ser visto. Comprar e se exhibir. E não só aos que estivessem fisicamente presentes, mas também a outros consumidores por meio das notas em colunas sociais, das fotografias nas revistas ilustradas e também dos filmes (FREIRE, 2012, p.30).

Araxá, em suas primeiras décadas do século XX, expandiu-se em vários aspectos na direção da aspirada modernidade. A palavra de ordem era melhoria em tudo que concernia

a urbe, quer seja ligado às estruturas habitacionais, estabelecimentos ou embelezamento, quer seja na própria população. A elite e a consolidação do turismo são alguns pontos que proporcionaram o desenvolvimento almejado, e inserido em todo esse meio, não poderia faltar a chegada do cinema na cidade, assunto tratado no próximo capítulo. Por enquanto, nos atemos ao contexto de Araxá durante a primeira metade do século XX, recorte utilizado no trabalho que contempla o período de surgimento dos cinemas de rua na cidade.

Segundo Lima, a produção, antes apenas voltada para as atividades agropecuárias, vê-se expandir para o comércio de "fazendas, armarinhos, ferragens, secos e molhados, chapéus, arreios e 'sellins'" (2005, p. 38), demonstrando a preocupação que se fez sentir quanto às modas. Mercadorias eram divulgadas como modernas e vindas do Rio de Janeiro e São Paulo. Em Araxá produzia-se aguardente, se solicitavam licenças para abertura de boticas, isto é, farmácias (motivadas pelo crescimento da população) e mais tarde inauguraram-se padarias, sobretudo pertencentes às famílias imigrantes (*ibidem*).

Além disso, foram perceptíveis mudanças arquitetônicas na cidade. A Câmara Municipal preocupava-se, desde 1890, com a aparência das ruas, praças e casas, emitindo leis contra qualquer desarranjo perceptível (*ibidem*, p. 37). "O estilo das construções, antes colonial, modificou-se e a cidade começou a apresentar uma arquitetura mais condizente com os novos tempos" (MARQUES, 2005, p. 32), mas notoriamente essas mudanças demoraram a serem sentidas, muitas ficando restritas às zonas centrais e região que se estendia para o Barreiro.

Em 13 de abril de 1913, no primeiro número do *Correio de Araxá*², um redator sob o pseudônimo de Justus escreveu sobre "os clarões que se levantam no glorioso evoluir desta grandiosa terra":

A progressão constante do movimento de construção e outros melhoramentos, de tres annos até esta data, attestam e provam o seu incontestavel desenvolvimento material. [...] Além do poderoso factor do ramal ferreo em construção, que muito influe para o povoamento, sobresahe o seu invejavel clima, o seu conjuncto de bellezas naturaes, cada vez mais attrahente pela preferencia das aguas medicinaes, onde aquaticos, quaes lindas gaivotas acossadas pela tempestade, vêm ahi procurar a saude minada pela tormenta dos soffrimentos. [...] Ninguem ignora quanto elemento alienigena forneceu para o prodigioso adeantamento de S.Paulo, hoje em destaque em todos os sentidos, e das visinhas republicas do Prata. Imitemos os seus exemplo e seremos também admirados (JUSTUS, 1913, p. 1).

² O *Correio de Araxá* é atualmente o jornal mais antigo em circulação na cidade (ininterruptamente desde 12 de maio de 1957). Foi inaugurado em 1913, sob direção de João Jacques Montandon, redação de Heitor Montandon e gerência de Antonio Ribeiro da Silva, e parou em 1916. Em uma segunda fase, voltou a circular em 1927, com o gerente Manoel Guedes, no entanto logo parou também. Somente da terceira vez, através do professor Joaquim Ewandinak Porfírio de Azevedo ("seu" Wande) e Atanagildo Côrtes que passou a ser semanalmente circulado desde então, estando com a família deste último até hoje.

Como se nota, além dos elementos destacados como a ferrovia, os recursos naturais e o turismo, Justus coloca São Paulo como uma cidade exemplo a se seguir e esse é realmente um ideal almejado durante as primeiras décadas do século XX. Jornais paulistas do mesmo período também retratavam o progresso da cidade, assim como Zé Silva coloca no “O Pirralho” em 1913: “São Paulo antigo não tinha bondes elétricos, automóveis, cinematógrafo, luz elétrica, e hoje além de tudo isso tem a Academia Paulista de Letras, o Burjonas, o Wencesgau, o Jota Jota e muitas outras coisas, tais como aturar as campainhas barulhentas dos nossos cinemas” (O PIRRALHO *apud* ARAÚJO, 1981, p. 217-218). Tirando o bonde e a academia de letras, Araxá também possuía os mesmos elementos, inclusive cinema.

Já a partir de 1911, o município de Araxá era formado, além dele, de mais 4 distritos: Dolores de Santa Juliana, Nossa Senhora da Conceição, São Pedro de Alcântara e Santo Antônio do Pratinha (IBGE, 1959, p. 100), atualmente as cidades de Santa Juliana, Perdizes, Ibiá e Pratinha. Nessa mesma época deu-se início a um verdadeiro calvário: a construção da nova Igreja Matriz de São Domingos (Figura 01). O empreendimento começou com o vigário Pe. André Aguirre e somente foi finalizado em 1948, já com o vigário Pe. Emílio Carlos Philippini, tendo passado por diversas coordenações e paralisações.



Figura 01 – Fase final da construção da Igreja Matriz de São Domingos. (Fonte: FCCB)

À época em que o Pe. André Aguirre chegou, Araxá tinha as igrejas Matriz de São Domingos, Santa Rita, São Geraldo, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora d'Abadia (FCCB, 2010, p. 78), além da Igreja de São Sebastião, construída

no início do século XIX por José Pereira Bom Jardim e o escultor Bento Antônio da Boa Morte (*ibidem*, p. 45). A Matriz (Figura 02) carecia de reformas, assim como várias das outras igrejas na cidade, e então voltaram-se esforços para a construção de uma igreja de maior porte, que suprisse as necessidades da paróquia e fosse localizada em local estratégico. Tais intentos esclareciam-se na imprensa:

Há muito que esta cidade se ressentia de um templo moderno, digno da majestade do Culto Catholico Romano, com a graça, architectura, esthetica e respectivo adorno. Antes possuirmos um só, dotado de todos os reclamos da arte, que os actuaes, verdadeiras almanjarras, velhos pardieiros, viveiros predilectos dos chiropteros e roedores - morcegos e ratos que ahi instalaram sua habitação. [...] Quanto ao sitio ou local em que deve ser erigido, muitos são os valiosos motivos que concorrem para se preferir o da referida Igreja [N.S. da Abadia:] [...] é para suas immediações que a cidade se projecta, procurando a estação da futura via ferrea, onde desenvolverá a vida animação e o commercio, povoada de elegantes e vistosos predios, e ahi deve ser edificado o novo templo adaptando-se às commodidades e bem estar do publico (FUTURA, 1914, p.1).



Figura 02 – Antiga Matriz de São Domingos, década de 1920. (Fonte: FCCB)

As obras foram inauguradas em 1917 seguindo o “plano de reurbanização” que a administração municipal implantara em busca de abrir as ruas e avenidas, criar praças e jardins. Depois de muito se discutir, optaram por demolir a antiga Igreja Nossa Senhora d’Abadia, que já se encontrara em avançado estágio de deterioração. Em conto assinado por P.A., lê-se a trajetória de ascensão e ruína da pequena Igreja:

- Há cento e trinta e nove annos a alma bravia de uns garimpeiros audazes, fincou aqui o meu primeiro esteio. Estavamos num sertão perdido entre a ironia verde das chapadas e a ironia azul de um céu maravilhoso. [...] Hoje, bem vedes, sou a poeira das estradas, sou a ironia das cousas velhas, sou a saudade que se esfuma. Não tenho voz para fallar: o silencio e a morte cobrem o meu eremitério. A cidade se remoja e é justo que eu não viva mais. [...] As ruínas fallam ao coração, o anniquillamento entristece o passado (P.A., 1930).

No ano de 1923, Araxá perdeu alguns distritos, configurando o município com agora outros cinco: Araxá, Argenita, Dolores de Santa Juliana, Nossa Senhora da Conceição e Tapira (IBGE, 1959, p. 101). O projeto da estrada de ferro no distrito araxaense encontrava-se em execução, sendo que o terreno para a estrada, a estação e suas dependências pertenciam, desde origens remotas, à Paróquia, e foram doados através da figura de Pe. André Aguirre (FCCB, 2010, p. 33). No ano de 1915, a população já ansiava pela construção do ramal que passaria pela cidade, como se vê:

O povo crente dessa vez na realização de tão almejado melhoramento promoveu de sua parte, com custosos sacrifícios, a multiplicação dos prédios operando, em pouco tempo, a transformação completa de nossa antiga cidade. Já o Araxá novo sobrepuja o velho Araxá. Firmado na esperança da breve e infallível passagem da locomotiva, já lobrigava em próximos dias o resurgimento de uma das mais prosperas e frequentadas cidades não do triangulo, como do Estado de Minas. E com sabidos fundamentos se firmara esta certesa, porquanto nas proximidades da cidade existem as celebres e acreditadas fontes thermaes e sulfo alcalinas, que podem assegurar ao nosso Araxá os foros de primeira estação balnearia (A NOSSA, 1915, p. 1).

Os serviços da obra, no entanto, foram paralisados por falta do incentivo público. Diante disso, se intensificou o serviço de auto-viação, que levava de automóvel as pessoas até as fontes termais ou mesmo à estação mais próxima, de Sacramento, que distava 100 km e fazia ligação com São Paulo. Mas também "não parou ahi o surto da patriotica iniciativa. Serviços importantes foram iniciados e outros executados nas fontes - a captação das aguas, drenagem, banheiras, etc" (*ibidem*). Dois anos depois anunciou-se, em telegrama do dia 20 de agosto de 1917, a indicação de retomada dos "serviços de construcção do trecho da Estrada de Ferro Goyaz, entre Uberaba e Araxá, para o qual já foi adquirido e se encontra em deposito, grande parte do material, além de sessenta kilometros de linha já construídos" (O RAMAL, 1917, p.1).

A inauguração da Estação Ferroviária Oeste de Minas foi em 1926, e "a cidade comemorou triunfalmente a concretização desse antigo desejo", visto que "os trilhos favoreciam a vinda de 'aquáticos' e turistas proporcionando-lhes conforto e comodidade [...]; traziam riquezas materiais, ideias progressistas e perspectivas de desenvolvimento, às quais a cidade e o Barreiro tanto aspiravam" (O TREM DA HISTÓRIA *apud* MARQUES, 2005, p.32). A praça em torno da estação (Figura 03), posteriormente batizada de praça Arthur Bernardes em referência ao mineiro presidente durante o período (1922-1926), "modelou-se entre dois importantes referenciais urbanos: a igreja Matriz de São Domingos - em construção - e o ponto inicial da estrada do Barreiro, ou seja, em direção às fontes de águas minerais" (LIMA, 2007, p. 89).



Figura 03 – Estação Ferroviária Oeste de Minas e Praça Arthur Bernardes. Ao lado esquerdo, residência do engenheiro ferroviário Almeida Campos, diretor da Estação. (Fonte: FCCB)

Voltando a 1915, é importante colocar que nesse ano foi fundada a Prefeitura de Araxá, ocupando o espaço do casarão hoje nomeado como Palácio Vereador Nagib Feres, localizado na Praça Coronel José Adolpho. O antigo sobrado construído no início do século XIX por Desidério Mendes dos Santos, marido de Josefa Pereira da Silva, passou por vários proprietários até que foi vendido à Câmara Municipal por 6:000\$000 contos de réis em 1895 (FCCB, 2010, p. 68). Desde então o “sobrado de Josefa Pereira” funcionou como sede do governo de Araxá, passando por um período em que funcionou com uma escola secundária em seu andar superior. Quando da fundação da Prefeitura, o poder executivo se juntou ao legislativo, sendo que os primeiros prefeitos eram designados pelo poder do Estado, visto que eleições populares para dirigentes só foram possíveis a partir de 1947.

Contudo a Câmara, anteriormente à criação da Prefeitura, já havia provido a cidade dos serviços de telefonia (1906), água potável (1909) e eletricidade (1914). De toda a forma, eram serviços caros e precários, e foram melhorando durante as décadas seguintes. Em uma matéria sobre as eleições para representantes da Câmara, o redator critica “a mania de gastos que se apoderou do chefe executivo”,

Haja vista a colossal despeza realizada com os serviços da agua cuja potabilidade é mais do que discutivel, despeza essa que, segundo dados ultimamente trazidos à luz, devem attingir a cifra de 175 contos e dos quaes 85 contos foram quasi totalmente botados fóra com o 1º serviço, que, depois de 6 annos e sob a gestão do mesmo administrador, teve de ser radicalmente reformado! (POLÍTICA, 1915, p. 1).

Até mesmo a implantação da rede elétrica não foi bem recebida pela população e imprensa, no que concernia à localidade do prédio da subestação de luz (figura 04). A construção foi aprovada pelo então Presidente da Câmara, Dr. Franklin de Castro, a ser feita no meio da Praça da Matriz, hoje Praça Coronel José Adolpho. A frase "[...] Vae se fazer isso em meio de nossa principal praça que será ajardinada - ponto de passeio logradouro publico, onde as familias virão se divertir sob a ameaça constante da morte certa que um fio desprendido poderá atirar-lhes sobre a cabeça" (DE MAL, 1914, p. 1) demonstra o forte tom usado pelos redatores do jornal *Correio de Araxá*. E no número seguinte acrescentaram:

Não era, então, bastante que se errase na canalisação de uma agua nosciva e insufficiente; que se assignase com a casa Siemens um contracto oneroso para os cofres municipaes; que se adquirisse por preço exorbitante um [ilegível] hoje quasi imprestavel e amanhã abandonado por inutil; que se deixasse a cidade no mais completo abandono - descuidadas as ruas, actualmente quasi intransitaveis, com suas entradas quais impaticaveis; que se esbanjasse, enfim, sem o menor criterio e proveito os rendimentos do municipio, como o tem feito essa administração - não era tudo isso bastante, não era e não foi, porque o sr. presidente da camara, de dentro de seu cerebro inventivo, fez surgir uma idéia phenomenal, qual essa de obstruir o mais frequentado logradouro da cidade (INICIADA, 1914, p. 1).

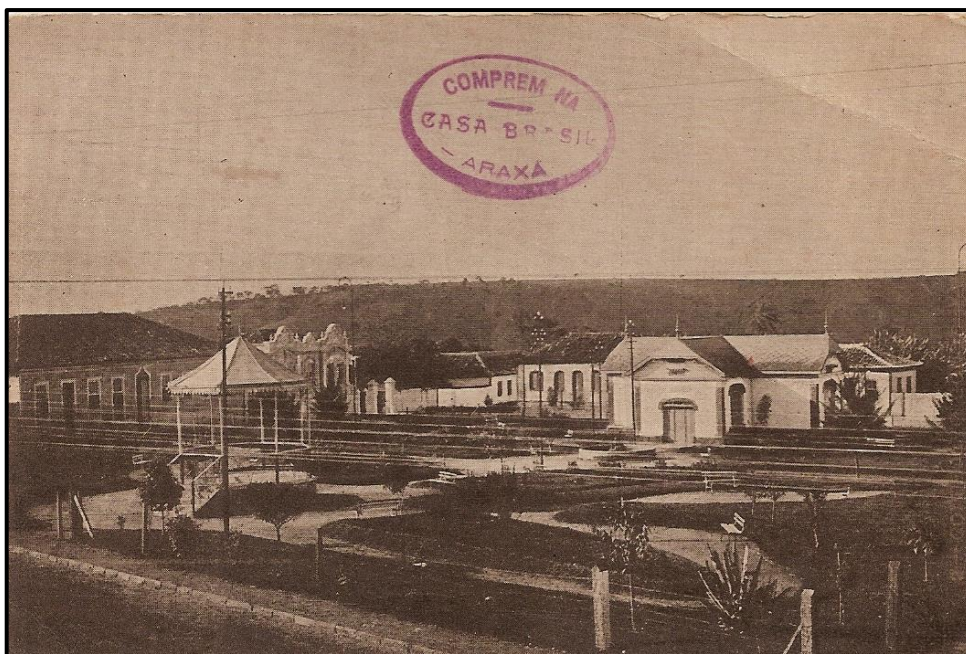


Figura 04 – Praça Cel. José Adolpho. Coreto à esquerda, e à direita o prédio da subestação de luz. (Fonte: FCCB)

Todavia, em meio as reivindicações da imprensa também haviam os elogios e as afirmações da chegada do progresso na cidade, em grande parte devido a iniciativa particular. O “Cidade de Araxá”, em 19 de agosto de 1928, enumerou algumas melhorias ocorridas entre os anos de 1915 a 1927, que incluíam as estradas para automóveis, os hotéis e pensões de primeira ordem, as construções da Igreja Matriz e da Santa Casa de Misericórdia e também

fábricas de manteiga e de calçados. Além disso, pontuou-se que “[...] as nossas principaes ruas adornaram-se com elegantes predios, ricas habitações, que ainda dão a nota alegre, viva e civilizadora da nossa cidade” (MACHADO, 1928, p. 1); entretanto, a matéria termina colocando que a Prefeitura deveria se preocupar com a rede de esgoto e o calçamento, os quais vieram a ser implantados no decorrer de 1930.

Tal década trouxe novidades para Araxá, como a criação de clubes, reorganização da associação atlética araxaense e construção do Complexo Termal do Barreiro. Com o passar dos anos o município foi perdendo seus distritos e “[...] em 1939-1943, o município de Araxá é composto de 1 distrito, Araxá – e é têrmo da comarca de Araxá, formada pelos têrmos de Araxá e Ibiá” (IBGE, 1959, p. 101). Após 1943, adquirindo partes dos distritos de Sacramento e Tapira, o município aumenta seu território, compondo-se “juntamente com Perdizes e Santa Juliana, também fazendo parte da Comarca o têrmo de Ibiá” (*ibidem*).

Desde meados do século XIX, quando as águas minerais do Barreiro pararam de servir à atividade pecuária e passaram a ser de uso medicinal, a cidade percebeu outra capacidade de se explorar essa região. Nas primeiras décadas do século XX viu-se erguer um primeiro balneário, vários hotéis no entorno e na região central, além da produção de sabonetes. Soma-se a isso a divulgação dos valores terapêuticos das águas e como resultado testemunhou-se uma ascensão turística sem igual, fazendo aportar na cidade os “aquáticos” (Figura 05), ou seja, os turistas que visitavam Araxá em busca de tratamento e veraneio (FRANÇA, 2015, p.34).



Figura 05 – Aquáticos posando para foto. (Fonte: FCCB)

“Durante a década de 1920, em consonância com a extraordinária valorização que se dava ao termalismo, Araxá se uniu às demais estâncias hidrominerais para pleitear junto ao estado um plano que as aparelhasse para atender ao turismo de lazer que já ocorria” (SÁ-FORTES, 2014, p. 270), o que abriu espaço para a elaboração do projeto da cidade balneária. Entretanto, este projeto só viria a ser reativado durante o governo Olegário Maciel (1930-1933).

A imprensa apoiou e divulgou os trâmites para tal empreitada. Ou melhor, desde o começo colaborou com o turismo das águas divulgando o nome das pessoas que chegavam à cidade para usufruir da estação de cura e sempre que possível procurava reivindicar a construção de melhores hotéis e praças para o lazer. Perto de se realizarem as obras da nova estação, o jornal *Renovação* fez a seguinte observação:

No caso de Araxá, cujo aparelhamento como estância thermal, representa um tão alto interesse colectivo, pelo ineditismo da obra a se realizar e pelas condições locais, difíceis de ocorrer em qualquer outra parte do mundo - permitindo surgir do nada uma completa cidade balneária - é imprescindível que o Estado congregue técnicos de nomeada, que estudem e planejem racionalmente a nova cidade e o aproveitamento das suas consideráveis reservas hydrologicas. E, sobretudo, que esse plano tenha a máxima divulgação (A NOVA, 1934, p. 2).

À época, a cidade passava pela gestão do prefeito Dr. Fausto Alvim (1930-1940) e quem chefiava as estâncias era o engenheiro José de Carvalho Lopes, que juntamente com o hidrólogo Andrade Júnior desenvolveu o projeto do balneário. Quem assinou o projeto arquitetônico das Termas e do Grande Hotel foi Luiz Signorelli, “já responsável por outros grandes projetos oficiais”, os jardins e parque foram projetados por Roberto Burler Marx e a Fonte Andrade Júnior, inaugurada mais tarde, foi concebida por Francisco Bologna. Também compunha a equipe alguns artistas, como o pintor Rocha Ferreira (SÁ-FORTES, 2014, p. 270).

Como que ao centro da grande cratera que constitui a bacia do Barreiro – cuja formação geológica ligada a fenômenos vulcânicos deu origem às águas e aos minérios que determinaram a ocupação da região desde épocas remotas – encontra-se um lago artificial ao redor do qual se encontra distribuído um significativo conjunto de edificações ligadas à exploração turística do local, que se iniciara em fins do século 19. Dominadas pelo majestoso Grande Hotel e Termas de Araxá, também a Praça de Esportes e a Fonte Dona Beja, com suas duchas, a Ilha dos Amores, o bosque, a igreja, a casa de força e, por fim, a Fonte Andrade Júnior constituíram empreendimentos em que todas as instâncias governamentais da época se uniram na criação de um ícone que ultrapassou as fronteiras estaduais (SÁ-FORTES, 2014, p. 269).

Para implementar o projeto foram feitas desapropriações em terrenos e benfeitorias que se localizavam na área planejada da “futura estação balneária”. Em 30 de junho de 1934, o então interventor do “Governo Provisório” em Minas Gerais, Benedito Valadares Ribeiro, sob o decreto n. 11410, deliberou a desapropriação. Dias depois, Benedito e sua comitiva

passaram brevemente por Araxá, conhecendo o Barreiro e os terrenos que envolviam as fontes, em uma visita que durou duas horas (DR., 1934, p. 2).

Não obstante, as obras começaram a ser efetuadas durante o primeiro governo de Getúlio Vargas traduzindo “os objetivos ideológicos dos governos do Estado Novo: a criação de alternativas na interiorização da economia, ao mesmo tempo em que alimentava o imaginário nacional com visões grandiosas da operosidade e das riquezas da natureza e da história do estado” (SÁ-FORTES, 2014, p. 270). Os trabalhos duraram seis anos, de 1938 a 1944, e a inauguração aconteceu no dia 23 de abril de 1944, com a presença do então presidente, do governador Valadares e do prefeito de Araxá, Álvaro Cardoso (FRANÇA, 2015, p. 76). As obras continuaram para a conclusão do Grande Hotel (1945) e da Fonte de água sulfurosa Andrade Júnior (1947) (figura 06).



Figura 06 – Vista aérea do Complexo Hidrotermal do Barreiro. Ao centro o Grande Hotel e abaixo, com estrutura ondulada, a Fonte Andrade Júnior. (Fonte: FCCB)

Quando do término das construções, Getúlio Vargas estava em excursão ao Estado de Minas Gerais e visitou “a magnífica bacia do Barreiro” onde estavam “sendo concluídas as instalações que farão deste local uma das mais bem aparelhadas estações termais do continente”; fato que foi registrado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda:

O Grande Hotel em construção tem cinco pavimentos com quatro belas fachadas, sendo que a principal tem 144 metros de comprimento. Será dotado de salão de festas e banquetes, um cassino e um **cineteatro** [grifo nosso]. O Salão de Inverno de proporções grandiosas será circundado na parte que dá para o lago por um belíssimo canal de 8 metros de largura, onde pequenos barcos poderão navegar (CINE-JORNAL).

O hábito da jogatina há muito já atraía turistas e pessoas da elite. "Ocorre que desde 1919, os moradores e os aquáticos que vinham em busca das águas e de saúde frequentavam o cassino Colombo, de propriedade de Luiz Colombo. [...] Em pouco tempo, Araxá se tornou reduto da elite cafeeira paulista" (FRANÇA, 2015, p. 101), que visitava a cidade para jogar e repousar nas termas.

Com a construção do Grande Hotel e de seus luxuosos salões, viveu-se um período favorável para os jogos de azar, mas que durou pouco tempo, uma vez que na gestão do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) proibiu-se o jogo no Brasil em 30 de abril de 1946. "Encerrava-se uma era iniciada em 1933, em que a indústria do turismo associado ao jogo movimentou mercado de luxo e lucros e influenciou as artes em geral" (SÁ-FORTES, 2014, p.272).

Concomitantemente à implantação do projeto paisagístico de Burle Marx na nova estação balneária, iniciou-se em Araxá, no ano de 1942, a remodelação da Praça da Conceição, uma das mais antigas da cidade, que fazia conjunto com a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. O responsável pelo projeto era um dos integrantes da comissão de construção do Complexo Hidrotermal do Barreiro, o engenheiro do Estado Agostinho Carlos Cattela. Tal alteração carimbou a cidade sob a nova ordem urbanística que se buscava implantar. Com seu desenho estrelado, passarelas simétricas, bancos, pergolados e inventário botânico, a nova praça foi batizada de Governador Valadares, sendo instalado um obelisco com seu busto no centro.

Além das atividades agropecuárias e turísticas – esta última se sobrepondo à primeira durante as décadas de turismo de lazer nas fontes termais – uma nova produção despontou com o descobrimento do nióbio no município: a mineração. Durante a década de 1950 chegaram as empresas mineradoras, as quais “trouxeram um incremento econômico e populacional considerável para a cidade, assim como mudanças na estrutura social” (FCCB, 2010, p. 59).

Posteriormente, foi iniciada a produção de fertilizantes, com a exploração da maior jazida do Brasil “[...] descoberta em 1939 pelo petrógrafo Margor Guttnans, do Instituto Agrônômico de Campinas. Além desta, foi também descoberta outra jazida de pirocloro, naquela região, pelo geólogo Djalma Guimarães, do Instituto de Tecnologia de Minas Gerais” (EM ARAXÁ, 1960). A jazida de fosfato de Araxá atingia 92 milhões de toneladas.

As rodovias Araxá-Franca e Araxá-Uberlândia foram projetos implementados entre as décadas de 1950 e 1960, e possibilitaram novas ligações à cidade balneária. A rodovia que liga as duas cidades mineiras, teve suas obras iniciadas em meados de 1960 (COM, 1960). Já a Araxá-Franca era “um sonho de décadas”, visto que, como já dito, Araxá recebia paulistas

desde a vinda dos primeiros aquáticos, devido à proximidade da cidade com o Estado de São Paulo. Ademais, a cidade de Franca se configura como o local por onde Araxá converge com São Paulo e também com o Sul de Minas, região famosa por suas águas.

O início da construção foi em 1952, sob a “vultosa verba de três milhões de cruzeiros”, sendo construídos “100 kilometros do trecho mineiro” (IREMOS, 1952), mais que a metade de todo o trajeto que liga as duas cidades. As obras, porém, ficaram paradas, até que em 1959 cidades triangulinas enviaram um apelo ao governador Bias Fortes para o término da rodovia (ESTRADA, 1959, p. 4), que seguiu ainda aos poucos pelos dois lados do Rio Grande.

É possível notar um rápido avanço populacional na cidade no final dos anos 1950. Segundo dados do IBGE (1959), em 1950 contava-se com 18515 habitantes e em 1955 a estimativa era de 20174 habitantes, “[...] com densidade demográfica provável de 15 habitantes por metro quadrado” (p. 102). Por outro lado, o boletim de janeiro de 1956 do Rotary Club de Araxá enumera que a população do município era de 27000, sendo 22000 no perímetro da cidade (Figura 07).

ARAXÁ		
Altitude na cidade	970 metros	
Altitude no Barreiro	920 metros	
Area do município	1.373 metros 2	
População do município	27.000	
População da cidade	22.000	
DIVERSÕES		
Clube Recreativo	1	
Cinemas	4	
Bandas de música	2	
Estádios	2	
Praças de esportes	2	
Entidades esportivas	9	
RADIO DIFUSÃO		
ZYI-4 - Rádio Imbiára de Araxá	1	
PROFISSÕES LIBERAIS		
Médicos	18	
Dentistas	15	
Advogados	7	
Engenheiros	6	
Construtores	8	
Contadores	42	
Farmácias	7	
Drogarias	2	
Laboratório Ind. Farmac.	1	
Laboratórios de análises	3	
Instituto de Radiologia	1	
EDUCAÇÃO E CULTURA		
Grupos escolares	2	
Escola Normal	1	
Ginásios	2	
Escola Técnica de Comércio	1	
Escolas Municipais	12	
ASSISTÊNCIA SOCIAL		
Hospital	1	
Centro de Saúde	1	
Lactário	1	
Ambulancia	1	
Asilo	1	
Orfanato	1	
ASSOCIAÇÕES		
Médicas	2	
Farmacêutica	1	
Odontologica	1	
Damas de caridade	1	
Rural e Comercial	2	
Gremio escolar	1	
DIVERSOS		
Bancos	5	
Hotéis e pensões	12	
Aeroporto	1	
Aero-Clube	1	
Estação Rodoviária	1	
Estação Ferroviária	1	
Agências de Navegação Aérea (Nacional e Vasp)	2	
Viação Santa Marta (para diversas cidades)	1	
Propriedades rurais	800	
Casas comerciais	350	
Indústrias	18	
Indústria de Fertilizantes (FERTIZA)		
TERMAS (aguas sulfurosa e radioativa, e lama).		

Figura 07 – Tabela com as características da cidade de Araxá nos anos 1950. (Fonte: ARAXÁ, 1956, p. 4)

Em síntese, o tópico sobre os “diversos aspectos do município” presente na Enciclopédia dos municípios brasileiros, descreve pontos importantes tratados nesse capítulo:

Araxá, situada em região propícia à exploração de águas minerais, encontrou, ainda no seu passado, elementos que possibilitaram sua atual posição de um dos mais importantes centros de turismo do país.

Herdeira de uma história aristocrática, palco de importantes acontecimentos políticos, pode, no presente, manipular com maestria a tradição mineira da hospitalidade, fornecendo ao veranista visitante um ambiente ideal para descanso ou tratamento.

Sua paisagem urbana é, a um só tempo, bela e agradável. Ruas paralelas, amplas, permitem uma eficiente circulação. A Praça Benedito Valadares constitui para o visitante um atrativo permanente, com seu ajardinamento feito em linhas geométricas. O centro principal do turismo da cidade está no "Balneário Águas de Araxá", construído em 1938 pelo governo de Minas. Dispõe o estabelecimento de instalações luxuosas, estando portanto qualificado a fornecer todo o conforto.

Conta o Município 696 telefones, 3 hotéis, 6 pensões e **4 cinemas** [grifo nosso].

Para assistência médica há 1 hospital com 72 leitos, 3 serviços de Saúde, 16 médicos no exercício da profissão.

O Setor cultural é representado por 1 radioemissora, 5 bibliotecas, 1 tipografia e 3 livrarias (IBGE, 1959, p. 105).

Estes são, portanto, aspectos que se destacavam no Araxá daqueles anos, onde os cinemas estão inclusos em meio às características modernas, como o telefone; turísticas, como os hotéis e pensões; e culturais. No capítulo a seguir, adentramos especificamente nos ambientes dos cinemas de rua, verdadeiros templos cinematográficos.

3 A CHEGADA DO CINEMATÓGRAFO E O SURGIMENTO DOS CINEMAS DE RUA

Nos primórdios cinematográficos, não existia a ideia de sala de cinema como se conhece hoje, haja vista essa arte era tratada como atração promovida por exibidores ambulantes; hora em uma feira, hora em um café, etc. Isso se deve porque, inicialmente, o aspecto científico, de novidade, se sobrepunha ao artístico. Até os primeiros anos de 1900, “o interesse residia no dinamismo das imagens fotográficas em movimento, na atração das luzes e sombras na tela que levavam a uma fantástica jornada por desconhecidas terras distantes e surpreendentes encontros com pessoas célebres ou estranhas” (FREIRE, 2012, p. 70).

A.C. Gomes de Mattos (2006) ao discorrer sobre os variados projetores inventados por volta de 1890, diz que, nos Estados Unidos, uma dúzia de pequenos filmes eram inseridos em meio aos espetáculos visuais dos teatros de vaudevilles (p. 19). Posteriormente instauraram-se, nas antigas salas de cinetoscópios (aparelhos de projeção individual criados na *Edison Laboratories*), os *electric theaters* e nos bairros operários se ocuparam os *nickelodeons*. Estes foram os primeiros espaços voltados exclusivamente à exibição cinematográfica (*ibidem*, p.20).

Neste capítulo, dedicamos a tratar sobre esse primórdio do cinema, definido por Flávia Cesarino Costa (2005) como “primeiro cinema”. Diante disso, nos interessa inserir e relacionar o surgimento e o desenvolvimento do cinema na cidade de Araxá, bem como descrever os cinemas de rua mapeados, majoritariamente, a partir do arquivo de periódicos da Fundação Cultural Calmon Barreto. Essa pesquisa está descrita no subitem 3.1 “A invenção cinematográfica e o contexto tardio em Araxá”, onde excetua-se o Cine-teatro Brasil pois, enquanto objeto de estudo desse trabalho de pesquisa, ele se destaca dos outros cinemas de rua para ser melhor descrito e aprofundado no próximo capítulo.

3.1 A INVENÇÃO CINEMATOGRAFICA E O CONTEXTO TARDIO EM ARAXÁ

É interessante notar que o primeiro contato de Minas Gerais com o cinema ocorreu em uma cidade interiorana. “Menos de dois anos após a famosa sessão que Louis Lumière fez realizar no *Boulevard des Capucines*, em Paris, em dezembro de 1895, Juiz de Fora tornava-se a primeira cidade mineira a exibir o Cinematógrafo Lumière. Foi no dia 23 de julho de 1897, sob o patrocínio da companhia de variedades de Germano Alves” (GOMES, 2008, p. 21).

Em Belo Horizonte, a primeira exibição aconteceu em uma casa do Centro no dia 10 de julho de 1898, e em outubro “a empresa da atriz Apolônia Pinto fez projetar em seus

espetáculos vários quadros do Cinematógrafo Lumière” (*ibidem*). Isso demonstra que a princípio o cinema por aqui, assim como nos Estados Unidos, se ancorava em outras formas de arte, tendo suas sessões apresentadas como uma das demais atrações principalmente em teatros. Na cidade de Araxá não foi diferente, pois como veremos há registros de exibições realizadas no antigo teatro municipal.

Mesmo na estrutura dos primeiros filmes o aspecto atrativo regia, visto que a teatralidade está presente na forma de atuação dos atores que frequentemente se dirigiam ao espectador, olhando para a câmera. Tal particularidade, aliado ao objetivo maior de mostrar uma invenção e vender uma experiência em eminência a contar uma história, são características do que Tom Gunning chamou de “cinema de atrações” (*apud* COSTA, 2005, p. 51-52).

Há de se destacar que “[...] o cinema surgiu nos Estados Unidos e na Europa, no final do século XIX, em plena vigência de uma cultura racionalista e de crença nas vantagens da modernidade” (COSTA, 2005, p. 24). A eletricidade foi crucial para as projeções cinematográficas, exceto para o Cinematógrafo Lumière que conjuntamente consistia de câmera e projetor. Mattos coloca que esse fator moderno, entretanto, foi um problema “[...] pois a corrente ou voltagem do motor que fazia o projetor funcionar era quase sempre incompatível com o sistema elétrico de determinadas municipalidades. Em certos casos, a força tinha de ser puxada das linhas de bonde. Como os bondes necessitavam de uma voltagem alta, o projetor ficava sobrecarregado, submetendo o projecionista a choques dolorosos” (2006, p. 20).

Foi no ano de 1899 que se instalou em São Paulo a luz elétrica (ARAÚJO, 1981, p.39), o que propiciou a abertura de variadas salas de cinema nos anos seguintes. Em Araxá, como visto, a eletricidade chegou em 1914, mas isso não impediu que a cidade possuísse exibições cinematográficas antes disso, como veremos a seguir. Seguem-se a relação e a descrição de quatro cinemas construídos em Araxá na primeira metade do século XX: Cinema-Araxá, Cine Trianon, Cine-teatro Araxá e Cine-rádio Imbiara.

3.1.1 CINEMA-ARAXÁ

Em 1913, antes mesmo de Araxá possuir eletricidade, a cidade passou a contar com um cinematógrafo. Denominado Cinema-Araxá, este primeiro cinema foi aberto pelo Dr. Laudelino Gomes de Almeida, “médico, operador e parteiro” como o descreve os anúncios de seu serviço no jornal. Inicialmente, as exibições funcionaram “no tosco casarão do largo d’Abbadia que costuma se adornar com a periphastica denominada Theatro” (CINEMA, 1913,

p. 1) e se inseriam como um dos aspectos de “modernice” que despontavam na cidade, como apontou o redator de pseudônimo X na coluna “Notas de um errante” do *Correio de Araxá*:

[...] temos 60 estabelecimentos commerciaes, 18 de 1ª classe e de 2ª os restantes, todos mantendo regulares "stocks"; 5 pharmacias de primeira ordem, sortidas a capricho; 4 alfaiatarias, uma das quaes sustentando, permanentemente, o elevado numero de 12 officiaes; 2 fabricas de cerveja cujo producto... é bem tragavel; uma livraria com typographia de obras; uma machina de manteiga com motores a vapor; 2 hoteis bem confortaveis; **1 cinematographo permanente** [grifo nosso], 7 olarias, 2 padarias, bilhar, barbearias, sellarias, sapatarias, etc.; 4 medicos proficientissimos, 5 dentistas com gabinetes bem montados e 2 advogados. A instrucção publica é ministrada pelo Grupo Escolar Delfim Moreira, de 8 cadeiras (X, 1913, p. 1).

Ainda segundo o texto, Araxá era talvez a segunda maior do Triângulo, com “cêrca de 700 habitações contando-se os casebres e as cabanas” e população “superior a 4500 almas, elevando se cada vez mais, n'um crescendo o mais prometedor”. Outro fator do progresso estaria “no gosto, de dia para dia mais apurado, que preside à escolha das toilettes das gentis araxaenses, acompanhadas de perto dos rapazes”. O autor defende que as roupas, assim como a poesia e a dança, são “particularidades de caracter de um povo, dos quaes se pode coligir com segurança, o grão de seu adeantamento e civilização” (X, 1913, p. 1).

O advento do cinema foi a sinalização de novos tempos, tempos modernos, e trouxe consigo mudanças na prática da sociabilidade e no modo de enxergar o mundo. “Frequentador assíduo dos cinemas, Ruy Barbosa admitia: ‘No cinema viajo longas terras, vejo mundos por onde nunca me seria dado transitar’” (FREIRE, 2012, p. 70). Por ocasião de sua terceira candidatura à presidência, o retrato do republicano foi projetado no Cinema Araxá em 13 de julho de 1913 (CINEMA, 1913, p. 2).

O funcionamento do Cinema Araxá era aos sábados e aos domingos (em 1915 acrescentaram-se as quintas-feiras), geralmente com um programa composto de 5 fitas. Mas também ocorriam programas duplos, como o do dia 8 de junho de 1913, em que se destacou a fita *Destruição de Troia*, provavelmente *La Caduta di Troia* (Giovanni Pastrone, Itália, 1911), com 700 metros e apresentado em duas partes (Figura 08). No primeiro e segundo dias de fevereiro de 1914, foi exibida uma das versões da aclamada adaptação *Quo Vadis?*, que talvez seja o longa italiano de Enrico Guazzoni (1913). (CINEMA, 1914, p. 1).

No mesmo ano, ainda no teatro, foi instalado um projetor com motor à gasolina, levado posteriormente para o prédio próprio construído na Rua do Commercio (Figura 09), hoje Dr. Franklin de Castro, inaugurado em 20 de janeiro de 1914. O calor do verão pegou a todos os que estavam presentes, fazendo-se necessário abrir três grandes respiradouros do lado da rua lateral (CINEMA, 1914, p. 1).

CINEMA-ARAXÁ

HOJE DOMINGO HOJE

Esta esplendida casa de diversão nos garante hoje um bellissimo programma de 10 fitas, focalizando entre outras a destruição de Troya com 700 metros em 2 partes

<p>Lançamento ao mar do poderoso navio de nossa esquadra, um dos maiores do mundo—o S. Paulo— Destruição de Troya— Dr. Americano—</p>	}	<p>Deed brigador. Uma nuvem— Bigodinho gosta da vida— Tempestade e Calma— Gatuna de Hotel— Eugenia Groudet—</p>
---	---	---

Havendo dous programmas a empreza resolveu dar hoje 10 fitas que muito divertirão aos espectadores,

PREÇOS E HORAS DO COSTUME

Figura 08 – Programa do dia 8 de junho de 1913 no Cinema-Araxá. (Fonte: CINEMA ARAXÁ, 1913)



Figura 09 – Vista da rua onde funcionava o Cinema-Araxá. (Fonte: FCCB)

Em 1915, Laudelino Gomes mudou-se para a cidade de Franca, e a “casa de diversão” passou a ser gerida pelo fotógrafo Theotonio Simões. Com a nova gerência, os espetáculos passaram para às sete horas da noite, ao invés, de às nove. O médico proprietário enviou cem novas cadeiras para substituir as bancadas incômodas, “só usadas no circo ao ar livre” e também se construiu dois cômodos ao lado do cinema para café e outras atividades. Com esse anúncio, o jornal *Correio de Araxá* noticiou: “[...] Nada ficará, pois, faltando ao nosso cinema, cujo edifício é um dos melhores do Triângulo e que recebe semanalmente os films com que deleita seus *habitués*” (CINEMA, 1915, p. 1).

Um mês depois, já com as cadeiras colocadas, foi posta a nota:

Esta bôa casa de diversão está em maré de prosperidade. Depois que ali se collocaram as 100 cadeiras, são ellas preenchidas todos os sabbados e domingos, sobrando ainda espectadores para o resto das inglorias bancadas. Tambem o serviço tecnico vae atingindo a perfeição, satisfazendo ao publico que dá por bem empregado o "mil réis" da entrada (CINEMA, 1915, p. 2).

Novas reformas foram feitas em 1916 para a melhoria do salão, agora com a capacidade para 400 pessoas, além de “uma cabine feita especialmente para evitar o perigo de um incendio de fitas” e três novos salões de espera e diversão anexados (1916, p.1). No dia 4 de maio de 1916, “inaugurando o seu bar-botequim, essa excellent casa de diversão deu [...] uma artistica funcção, sendo distribuidos bombons às creanças e um ‘copo d’agua’ aos cavalheiros” (CINEMA, 1916, p. 1).

Durante seus anos de funcionamento, o espaço recebeu variadas diversões, como peças teatrais, apresentações de mágica, orquestras e palestras científicas. Isso revela que, apesar da instauração tardia do serviço cinematográfico na cidade – em um segundo momento do “primeiro cinema” quando a linguagem passa a ser moldada a certas narratividade e formalidade, e a produção se volta cada vez mais à industrialização –, ainda é possível ver no funcionamento do Cinema-Araxá uma relação de proximidade com o aspecto de atração muito típico dos primeiros anos do cinema.

Sessões filantrópicas ocorriam com certa frequência, majoritariamente às quintas-feiras, e uma dessas aconteceu no dia 28 de julho de 1916 em benefício da Santa Casa de Misericórdia, que passava pela construção de seu novo prédio. “O aluguel das fitas foi dado gratuitamente pelo disctincto proprietario do cinema Araxá dr. Laudelino e não só a banda de musica sob a regencia do maestro Elias Porfírio como a orchestra sob a batuta do maestro Maciel prestaram o seu brilhante concurso gratuitamente” (1916, p. 2). Adicionado os donativos e deduzidos os custos do cinema, arrecadaram-se 222\$100 réis.

Segundo Marques, há evidências de que o Cinema-Araxá tenha sido comprado e renomeado para Cine-Capitolio (2005, p. 35) e o arrendamento pode ter sido feito pelo Maestro Elias Porfírio de Azevedo, já proprietário do Cine Trianon (Figura 10). Em conversa com uma das netas do Maestro, Rasma Porfírio de Azevedo, ela confirma que seu avô era dono do cinema que existia na rua abaixo de onde ela mora – Rua Dr. Franklin de Castro, antiga Rua do Comércio -, e que os filmes exibidos eram ainda mudos, com narração do próprio Elias Porfírio. Certo dia, sem conseguir ver o filme antes, o Maestro improvisou ao ver na tela um leão e um lago dizendo: “o leão vai tomar água”. Só que ele não esperava que o leão, na verdade, só iria até o meio do caminho e voltaria para trás. Assim, o narrador logo negou: “e o leão resolveu a não tomar mais água” (AZEVEDO, 2017).



Figura 10 – Capa e contracapa do programa recreativo-social exercido pela União de Moços Católicos de Araxá no Cine-Capitolio, “gentilmente cedido pelo seu proprietário, Snr. Elias Porfírio de Azevedo”.
(Fonte: Acervo de Silvanita Marques)

3.1.2 CINE TRIANON

O Maestro Elias Porfírio de Azevedo era um industrial abastado, dono de vasta cultura. Com sua esposa Maria Dolores de Ávila, também musicista, tiveram dez filhos, dos quais seis integravam a Banda Santa Cecília, mais tarde chamada de Orquestra Irmãos Porfírio. Dirigindo os filhos, Elias e sua banda tocavam no Cinema Araxá como acompanhamento dos

filmes. “Segundo informações de contemporâneos, ouviam-se trechos de óperas, de operetas, marchas, tangos argentinos e brasileiros” (FCCB, 2010, p. 40-41).

No ano de 1910, o maestro teve a iniciativa de construir um cineteatro no terreno logo acima de sua residência, na avenida da Abadia, atual Antônio Carlos, porém o projeto caminhou a passos curtos e o espaço somente foi aberto em 1922. Sob a epíteta de Cine Trianon (Figura 11), o prédio de estilo neoclássico possuía sala de espera, salão, frisas laterais, camarotes, galeria, palco com tela e poltronas removíveis, vindas de fora. A partir de entrevista com Rasma, uma das netas do Maestro, ela conta que em 1925 foi realizado o casamento de sua tia Cecília no local (AZEVEDO, 2017). Rasma ainda acrescenta que para a época foi um investimento muito grande e dependeu da venda de um pasto para ser finalizado. “O Prédio é a réplica do Trianon de Paris. Veio um arquiteto do Rio para fazer a acústica dele. Ele levou nove anos pra fazer esse prédio... Até eles contam que os pedreiros chupavam laranja lá quando estavam fazendo, e as laranjas deram [vários vezes] e o Trianon não tinha ficado pronto ainda” (AZEVEDO, 2017).



Figura 11 – Fachada do Cine Trianon, meados de 1920. (Fonte: FCCB)

Os programas exibidos eram os de Francisco Serrador (Figura 12), empresário que veio a ser detentor do maior circuito exibidor do país. Em consulta aos jornais *Cidade de Araxá* e *Correio de Araxá*, destacamos algumas fitas cinematográficas que foram exibidas no Cine Trianon, são elas: *A viúva alegre* (*The Merry Widow*, Erich von Stroheim, EUA, 1925), *Berlim*,

sinfonia de uma metrópole (*Berlin: Die Sinfonie der Großstadt*, Walter Ruttmann, Alemanha, 1927) e a nova versão de *Quo Vadis?* (Gabriellino D'Annunzio, Georg Jacoby, Itália, 1925).

O governo de Minas Gerais, em 1927, propôs um aumento de 300% do selo de diversão, o que afetava os donos das casas de cinematógrafo. Na cidade de Uberaba se reuniram alguns proprietários de cinema da região do Triângulo Mineiro para formular um acordo com o presidente do Estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que fosse capaz de minimizar o imposto. “Esse aumento [...] será cobrado dos espectadores, passando as entradas de dois mil a 2\$400 [...]. O proprietário do Trianon, desta cidade, seguiu também para aquela cidade onde procurará corresponder à confiança dos seus colegas” (A REUNIÃO, 1927, p. 1).

De toda a forma, as sessões no Cine Trianon eram sempre noticiadas como um sucesso de casa cheia. “Na noite da exibição dos primeiros episódios do ‘Homem da Meia Noite’ muito antes de começar o espetáculo, não havia um único lugar vago”, dizia uma nota no *Correio de Araxá* que retomava novamente suas atividades naquele ano de 1927. Apesar dos elogios prestados, também publicavam reclamações, como no final da mesma nota em que se sugeria a colocação de uma nova tela, em virtude de manchas aparentes que atrapalhavam a projeção (CINEMA, 1927, p. 2).

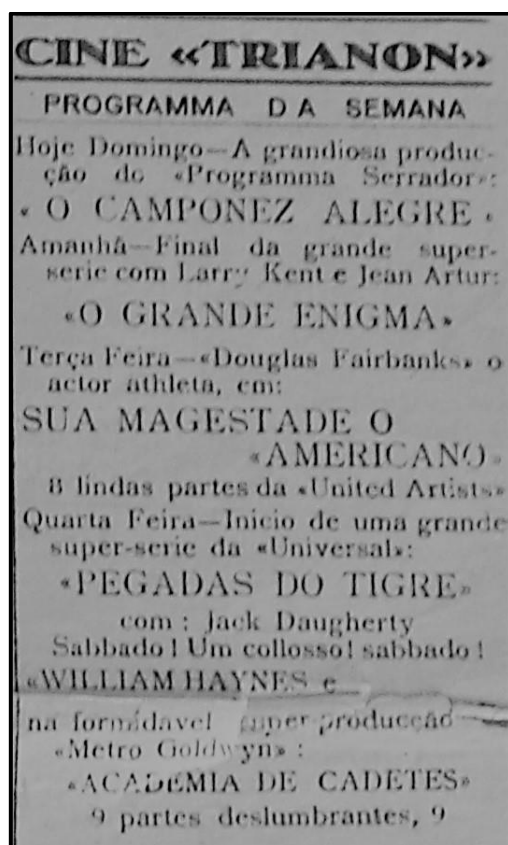


Figura 12 – Programa da semana do dia 20 de janeiro de 1929 no Cine Trianon. (Fonte: CINE TRIANON, 1929, p.1)

Enquanto o cinema sonoro manifestava-se como uma nova atração, colocando de cabelos em pé os exibidores que tiveram de trocar seus projetores por novos e caros aparatos, em Araxá a novidade ainda demoraria a chegar, mas surgiria outra, a do “cinema falante”:

[...] O gostoso dos filmes é deixar o espectador suspenso, numa duvida saborosa, afflicta, angustiante, às vezes, mas que sempre se desata num suspiro satisfeito de alivio. Mas isso é nas plateias de outros lugares, não aqui em Araxá, no Trianon, onde ha certas pessoas idiotas ou sem educação que devorando a "Scena Muda" e outras revistas cinematographicas vão alli, como interpretes irritantes, explicar tim-tim por tim-tim o enredo das scenas enquanto estas se desenrolam... Essa gentinha juntamente com os boçalísimos marmanjos que marcam o compasso da orchestra com as patas no assoalho devem procurar na Livraria França um manualzinho chamado Don't que ensina a ser educado e não incomodar o vizinho no cinema... (X, 1929).

Simultaneamente ao desgosto do redator X em relação ao comportamento do público dos cinemas, a cidade viu surgir um novo tipo de comportamento social: o *footing*³(Figura 13). Sempre aos domingos e feriados a elite se concentrava na avenida Antônio Carlos, “lançando as vistas nos autos que chegam e partem para o Barreiro, subindo e descendo, incansavel, a avenida” (PELO, 1929, p. 1). É importante lembrar que nesse local se situavam as casas de diversão, incluindo o Cine Trianon. Como melhoramento o *Cidade de Araxá* sugeriu a colocação de “passeios lateraes aos canteiros que ornem o centro da avenida. Esses passeios agradariam a população que ali faz o *footing* domingueiro, embelezariam a nossa maior avenida e dariam um aspecto ainda mais agradável àquelle jardim que a orna” (*ibidem*).



Figura 13 – Vista da Avenida Antônio Carlos, do lado contrário do Cine Trianon, onde percebe-se senhoras caminhando e automóvel descendo. Década de 1940. (Fonte: FCCB)

³ Por *footing* nos referimos à prática muito comum das primeiras décadas do século XX, em que as pessoas andavam, se exibiam e até flertavam entre as ruas da cidade. Estrangeirismo da língua inglesa que significa dar um passeio a pé.

O Trianon passou por reformas e melhorias durante a década de 1930 e foi reaberto em 1939, vindo a ser administrado pelos filhos do maestro Elias, Joaquim Ewandinack (Wande) e Genaro Porfírio de Azevedo. O cinema agora contava com o sistema de projeção contínua, de aparelhagem dupla: projetor Simplex e som R.C.A., da norte-americana Radio Corporation of America (Figura 14). Na data de sua reabertura foi exibido o filme Lafitte, o Corsário (*The buccaneer*, Cecil B. de Mille, EUA, 1937), “grande sucesso da Paramount Pictures” (GÉA, 2016, p. 73).

T R I A N O N

Projeção - SIMPLEX — Som - R. C. A.
Iguaes aos dos melhores cinemas do Rio e São Paulo

HOJE 8 de Junho de 1939 **HOJE**
Ás 8 hrs. em ponto

**UM ESPECTACULO DEDICADO AO
BELLO SEXO ARAXAENSE.**

**Cantando e encantando, aparece, nova-
mente, a beleza estonteante de**

Dorothy Lamour

A encantadora interprete de “O Furacão”, reaparece, mais linda do que nunca, ao lado de

Tito Guizar

a voz consagrada do cinema, interpretando a hilariante e luxuosa comedia-revista da PARAMOUNT,

FOLIA A BORDO

Uma agradável mistura de musica, riso e romance numa engraçadíssima comedia interpretada por um punhado de “estrelas”!

“FOLIA A BORDO” é algo mais que uma deliciosa comedia revista; é um magnifico espectáculo para os olhos e para o espirito!...

“TIRASTE-ME A PALAVRA DO CORAÇÃO” — é o titulo do melodioso foz-blue que DOROTHY LAMOUR canta nesta surpreendente comedia-revista!

Não percam a oportunidade de ver e ouvir DOROTHY LAMOUR, a artista que se tornou o idolo de todos os publicos!

Como complementos do espectáculo de hoje, serão exhibidos um JORNAL NACIONAL e um interessante TAPETE MAGICO, da Paramount.

PREÇOS: - Platéia 1\$500 - Meia entrada 1\$000 - Galeria \$600

DOMINGO! MERLE OBERON e BRIAN AHERNE, em

A BEM AMADA INMIGA

Bello drama de acção e heroismo!

BREVEMENTE! Gary Cooper, George Raft e Frances Dee, em

ALMAS NO MAR

Super-produção grandiosa como o oceano e verdadeira como a própria vida!

Figura 14 – Programa do ano de reinauguração. Na quinta-feira, 8 de junho de 1939, foi exibido Folia a bordo. (Fonte: Acervo de Silvanita Marques)

Nos anos 1950, a firma Irmãos Porfírio de Azevedo gerenciava a sala ao mesmo tempo que estava à frente do Cine-teatro Araxá. O Trianon ficou vários anos arrendado pela Empresa Teatral Paulista, porém os irmãos, no final de 1959, retomaram a exploração desta sala, permanecendo “a mesma programação do circuito da E.T.P. no “Trianon” e também no Cine teatro Araxá, do Barreiro” (NOVAMENTE, 1959, p. 1). De acordo com Regina Porfírio de Azevedo (2017), uma das netas do fundador, a campanha que anunciava o início da sessão era a música “Barril de Chopp”, isto é, a tradicional música alemã *Beer Barrel Polka*.

CINE TRIANON
Emp. Teatral Paulista Ltda. - Fone, 489 - ARAXÁ - MINAS
Tela Panorâmica ♦ Cinemascope ♦ VistaVision

PROGRAMAÇÃO DA SEMANA

Hoje, Amanhã e Depois
A Warner apresenta a grande produção:
RASTRO DE ÓDIO
(em VistaVision) - Tecnicolor
John WAYNE — Jeffrey HUNTER — Vera MILLES
COMOVENTE COMO HISTÓRIA...
E INESQUECÍVEL COMO FILME!

Dia 4 - 4.ª Feira
OSCARITO, Grande OTELO, Cyl FARNEY e Ilka SOARES
em mais uma grande comédia do cinema Nacional:
Os Três Vagabundos

Dias 5 e 6 - 5.ª e 6.ª Feira
Adelaide CHIOZZO - Renato RESTIER, e apresentando
pela primeira vez na tela os patlhaços FRED e CARE-
QUINHA, na comédia do cinema Nacional:
Sai de Baixo

Dia 7 - Sábado
Marta TOREN, Charles VANEL e Jacques SERNAS
no emocionante drama do cinema italiano:
Madalena - em Tecnicolor

Aguardem... Juventude Transviada

CINE TRIANON
Empresa Irmãos Porfírio de Azevedo

HOJE — Vespéral às 13 horas.
CHUCHO, O REMENDADO
90 minutos de gargalhadas.

Às 19 e 21 horas - Amanhã às 19 horas.
O grande premiado pela Academia de Hollywood!
AS NOITES DE CABÍRIA
— Atrada na sarjeta e vendendo suas carícias como melo de vida,
ela procurava manter pura a sua alma e nobre seu coração!
Amedeu Nazzari e Giulietta Masina

TÉRÇA e QUARTA-FEIRA - Às 19 horas.
Uma moderna versão do imortal romance de Dumas!
AS QUATRO ESPADAS
com **George Marchal e Ivone Sanson**

QUINTA-FEIRA — No mundo fascinante do circo, emo-
ções que raramente são sentidas!
A MORTE RONDA O ESPETÁCULO
— Pela primeira vez as sensações de um grande circo internacional
na tela gigante do CINEMASCOPE.
Clyde Beatty - Mickey Spillane
Pat O'Brien

SEXTA-FEIRA — DIA DE ANO — Em toda a Pérsia...
em todo o Oriente... Não havia ninguém mais bravo,
mais galante, mais romântico...
AS AVENTURAS DE HAJJI BABA
Cinemascope em Tecnicolor da FOX, com:
John Derek e Elaine Stewart

SÁBADO — Às 19 e 21 horas.
Um drama para todas as sensibilidades!
Dennis O'Keefe e June Lockart, em:
PASSADO QUE ENVERGONHA

Figura 15 – Programas do Cine Trianon. À esquerda quando a sala estava arrendada pela Empresa Teatral Paulista. À direita sob direção dos Irmãos Porfírio de Azevedo.
(Fonte: CINE TRIANON, 1957, p. 2, CINE TRIANON, 1959, p. 4)

O Cine Trianon, enquanto investimento do Maestro Elias Porfírio de Azevedo, contribuiu para o crescimento urbano e turístico de Araxá, além de perpassar os sentimentos de seus frequentadores. Com os donos já idosos e sem condições, esse notável cinema foi vendido em 1970 para o Banco do Brasil, vindo a ser demolido em 1972, para abrigar uma agência. Dessa maneira, ficou em funcionamento por quase meio século.

3.1.3 CINE-TEATRO ARAXÁ

Em 1944, juntamente com a inauguração do Grande Hotel do Complexo Hidrotermal do Barreiro, Araxá ganhou mais um cinema. Nomeado como Cine-teatro Araxá, a sala está presente dentro do hotel em meio a outros luxuosos salões. Durante seus anos de funcionamento, foi sinônimo de sofisticação tanto para os moradores como para os turistas, possuindo “[...] 403 lugares e poltronas de couro” (FRANÇA, 2015, p. 81), estofadas, diferente dos cinemas do centro da cidade, como afirma Regina Porfírio de Azevedo, neta do Maestro Elias, em entrevista. Outro ponto que ela se lembra é que as hóspedes do Hotel frequentavam as sessões bem vestidas, de vestido longo, visto que também iam jantar no restaurante (AZEVEDO, 2017).

As programações da semana eram bastante divulgadas na imprensa, sobretudo pelo *Correio de Araxá*, que voltou a circular em 12 de maio de 1957 e permanece de maneira ininterrupta até os dias de hoje. O cinema possuía sessões diárias, às 20h45, ocorrendo de vez em quando sessões duplas aos domingos, vespertinas inclusive (Figura 16).

CINE TEATRO ARAXÁ		Empr. Irmãos Porfírio de Azevedo - Águas do Araxá	
Sessão única às 20,45 horas			
Programação da semana			
HOJE - Em vespéral às 2 horas Phil CAREY e Martha HYER, em:	4.ª Feira - George MONTGOMERY e Dorothy MALONE, em:		
A Volta do Renegado	Até o Último Tiro		
A NOITE - Humphrey BOGART e Van JOHNSON, em:	5.ª Feira - Robert FRANCIS e Dianne FOSTER, em:		
A Nave da Revolta	Atrás da Cortina de Bambú		
Amanhã - James WHITMORE e Joan WELDON, em:	6.ª Feira - Johnny SHEFFIELD e Anne KIMBELL, em:		
O Mundo em Perigo	O ÍDOLO DE OURO		
3.ª Feira - Marina VLADY e Aldo FABRIZI, em:	Sábado - Simone SIGNIORET e Vera CLOUZOT, em:		
A Idade do Amor	AS DIABÓLICAS		

Figura 16 – Programação da semana do dia 26 de janeiro de 1958 no Cine-teatro Araxá. (Fonte: CINE, 1958, p.1)

No começo da década de 1950, uma nova invenção foi criada dentro dos estúdios de Hollywood, muito em vista do aparecimento da TV em cores e do declínio do *studio system*: o Cinemascope. O novo sistema, de lentes anamórficas, tela panorâmica e um só projetor, foi instalado no primeiro semestre de 1959 na sala do Grande Hotel do Barreiro contanto com

“atraso na vinda do técnico montador”, e o filme de estreia foi o faroeste da Warner Bros. *Montanhas em Fogo* (*The Burning Hills*, Stuart Heisler, EUA, 1956) (HOJE, 1959, p. 1).

A Empresa Irmãos Porfírio de Azevedo, arrendatária daquela casa de diversões, atendendo às justas aspirações dos seus frequentadores e não medindo sacrifícios de ordem financeira, adquiriu, por sua própria conta, todo o equipamento necessário, que inclui, além das objetivas apropriadas, tela plástica de material irradiante e conjunto para projeção de alta intensidade luminosa. [...] Eis uma notícia que certamente será recebida com muita satisfação pelos amantes da sétima arte, principalmente agora que se cogita incrementar o turismo na "maior e mais bela estância hidromineral do continente" (CINEMASCOPE, 1959, p. 1).

No final dos anos 1960, conforme depõe a ex-funcionária do Cine-teatro Brasil Celuta Rezende, a sala do Grande Hotel do Barreiro para a ser administrada pelos mesmo arrendatários do Cine Brasil, os senhores Geraldo Porfírio Botelho, Holmísio de Melo e José Abdanur. Na imagem a baixo (Figura 17), é possível consultar alguns filmes exibidos naquele espaço agora renomeado Cine Centenário, com a mesma programação do Cine Brasil.

Cine Centenário Grande Hotel – Barreiro	Dia 1.º - 5a. feira - 21 horas:	Clínica com Música
	Dia 2 - 6a. feira - 21 horas:	Visitantes na Noite
	Dia 3 - Sábado - 21 horas:	S. O. S. - Submarino Nuclear
	Dia 4 - Domingo - 21 horas:	A Vingança do Bragão Chinês
	Dia 5 - 2.a feira - 21 horas:	Parada 88
	Dia 7 - 4.a feira - 21 horas:	O Maior de Todos
	Dia 8 - 5.a feira - 21 horas:	007 Contra o Homem da Pistola de Ouro
	Dia 9 - 6.a feira - 21 horas:	O Perseguidor Implacável
	Dia 10 - Sábado - 21 horas:	Um Marido Contagante
	Dia 11 - Domingo - 21 horas:	O Lamparina
	Dia 12 - 2.a feira - 21 horas:	Marcadas para Viver
	Dia 14 - 4.a feira - 21 horas:	O Vingador Mascarado
	Dia 15 - 5.a feira - 21 horas:	Pasqualino sete Beleza
		<small>RESERVAÇÃO: A Empresa reserva o direito de alterar a programação, quando necessário.</small>

Figura 17 – Destaque da programação da primeira quinzena do mês de fevereiro de 1979 do Cine Brasil, onde estão os horários da sala do Grande Hotel. (Fonte: Acervo de Celuta Rezende)

Atualmente, o espaço é denominado Cineteatro Tiradentes e é utilizado somente para shows e demais eventos que estejam dentro do calendário da rede Tauá Grande Hotel. Entre os dias 10 e 16 de setembro de 2012, a sala comportou o 1º (e único) Araxá Cine Festival (Figura 18), idealizado pela Produtora-Executiva Débora Torres, com a presença de variados atores, diretores e realizadores do cinema brasileiro.



Figura 18 – Entrada principal do Cineteatro Tiradentes por ocasião do 1º Araxá Cine Festival. Foto de Alex Silva. (Fonte: Aurora de Cinema⁴)

3.1.4 CINE-RÁDIO IMBIARA

Uma das primeiras emissoras radiofônicas do Estado de Minas Gerais, a Rádio Imbiara foi inaugurada em 6 de agosto de 1946 pelos amigos e sócios fundadores Geraldo Porfírio Botelho, Dâmaso Drumont, Jaime Dumont, Danilo Cunha, Pedro de Paula Lemos, José Maria Santos e Walter Santos. “Antes só existiam, no Estado, as Rádios Inconfidência, de Belo Horizonte, e a PR-5, da cidade de Uberaba”, contou a educadora e jornalista Regina Porfírio Botelho de Resende, atual proprietária da Rádio em entrevista à *Araxá em Revista* (RESENDE, 2016, p. 70-71).

De início, a emissora atuava em um prédio da Rua Mariano de Ávila, esquina com a Rua Olegário Maciel (Figura 19). Na Rua Calimério Guimarães foi inaugurada a sede própria, no ano de 1951, onde funcionava a administração, os estúdios da emissora AM, e abrigava um auditório com 450 poltronas em que eram apresentados shows, programas de calouros e festivais de música (RÁDIO, 2016). Além de tudo, o local também exerceu o papel de cinema entre 1952 até quase 1960, com programação diária.

⁴ Disponível em: < <https://auroradecinema.wordpress.com/tag/taua-grande-hotel-e-termas-de-araxa/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.



Figura 19 – À direita, o segundo prédio da esquina. Fotografia antes de 1946. (Fonte: FCCB)

No periódico *Jornal de Araxá* é possível encontrar divulgados os programas (Figura 20), que geralmente estão na última página junto de anúncios diversos, como de alfaiatarias, livrarias, bares etc., e charges. Na data do sexto aniversário da emissora, o referido jornal publicou “votos de longa existência para maior progresso intelectual de nossa gente” e apontou as dificuldades do papel cultural da imprensa do interior (A IMBIÁRA, 1952, p. 2).

CINE RÁDIO IMBIÁRA

PROGRAMA “PARA-TODOS” hoje com shorts excepcionais :-

I) INAUGURAÇÃO DO ANO SANTO EM ROMA — II) Robinson Crusé contra Mickey Mouse, desenho — III) O PARAISO DOS AMERICANOS, short — IV) PUNHOS DE AÇO, short esportivo — V) O BISNETO DE TARZAN, notável comédia com CHARLIE CHASE — VI) **PARAGENS INHÓSPITAS**, far-west com Hoot GIBSON e Bob STEEL — VII) FANTASMA VINGADOR.

AMANHÃ:- UM GRANDE FILME com EXCEPCIONAL ELENCO!

CLARK GABLE - HEDDY LAMARR - SPENCER TRACY — **FRUTO PROIBIDO**
 CLAUDETTE COLBERT - na super-produção da METRO:-

Duas Grandes Sessões:- 19,30 e 21,30. -

3a. Feira, novo sucesso com “CALOUROS EM DESFILE”:- **“ENCONTRO COM O PERIGO”** — Jean Pierre AUMONT.

Figura 20 – Programação da semana de 6 de dezembro de 1952. (Fonte: CINE, 1952)

Após alguns anos, Geraldo Porfírio Botelho passou a ser o único proprietário da Rádio Imbiara e como grande empreendedor que fora, dentre outros envolvimento que firmara no município, ele fundou o Rotary Club de Araxá. Em 2 de setembro de 1957, este clube, ao

lado da Sociedade de Medicina e Cirurgia, promoveu uma exposição sobre o câncer que contou com a participação do vice-prefeito de Uberaba Dr. Hélio Angotti apresentando cartazes e fotografias e distribuindo folhetos sobre a doença, na Associação Rural, às 19h. No Cine-rádio Imbiara, às 20h, foram projetados “diferentes filmes americanos [...] relativos aos diversos aspectos da terrível moléstia. Apresentações dedicadas ao povo, em geral, e que facilitarão o diagnóstico antecipado do câncer – o maior flagelo dêste século, e que vem tomando um vulto descomunal em todo o mundo [...]” (FILMES, 1957, p. 4).

Tal exposição lembra, de certa forma, “as exposições universais da passagem do século XIX para o XX” onde “fabricantes, cientistas e comerciantes exibiam para o mundo seus novos produtos, serviços e invenções” (COSTA, 2005, p. 24). Percebe-se, portanto, que as transformações que o cinema passou nas primeiras décadas, com seus aspectos científico, de novidade e de atração, pode ter perdurado por algum tempo, dependendo do local.

Quando vemos, por exemplo, as exposições científicas, palestras, conferências e apresentações artísticas variadas feitas no espaço dos cinemas araxaenses, constatamos que em determinadas circunstâncias características do “primeiro cinema” estiveram presentes em Araxá durante a primeira metade do século XX. Em suma, isso é completamente compreensível, da mesma forma que Flávia Cesarino Costa (2005) afirma que as datas localizadas por historiadores para se referir aos períodos do “primeiro cinema” não são regras, pois é realmente um momento de mudanças muito aceleradas que apenas viriam a ser estudadas anos mais tarde.

4 CINE-TEATRO BRASIL: TRAJETÓRIA DE ASCENÇÃO

É bem possível que grande parte das pessoas que passam diariamente pela Rua Presidente Olegário Maciel, não observem atentamente o Clube Brasil com suas características arquitetônicas, seus relevos decorativos e a imponente águia no ponto mais alto do prédio. Estas pessoas, possivelmente, também desconhecem a história que envolve aquela construção e a instituição que ela abriga (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4).

A antiga Rua Boa Vista, hoje Presidente Olegário Maciel, constituía-se, nos anos 1920, como uma das principais ruas de Araxá. Segundo Lima (2007), apesar de não ser “[...] exatamente central, considerando-se a extensão urbana de então, esta rua foi uma das primeiras a receber calçamento nos anos 30” (p. 111). Além disso, entre essas duas décadas, “não se podia por ela transitar sem recuar-se diante das belas residências e dos atrativos pontos comerciais” (p. 133), como a Livraria Cabral, a Drogaria Dumont, a Casa Bancária Omar Dumont, os hotéis Araxá e Bella Vista e a Casa Fonseca, posteriormente Bazar Fonseca, “ateliê de fotografias, local para fabricação própria de molduras e vidraçaria” de propriedade do fotógrafo Octavio Fonseca (p. 134).

Até antes dos anos 1930, “[...] Araxá ainda não dispunha de um espaço destinado exclusivamente à realização de festas sociais. [...] Qualquer iniciativa no sentido de dotar a cidade de um clube social era revestida por conotações políticas” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4), uma vez que a população se dividia entre os Ferreiristas, ligados ao Coronel José Adolpho de Aguiar, e os Jacquistas, seguidores do Senador João Jacques Montandon, dificultando a execução de projetos que fossem de ambos os interesses.

O terreno que presentemente abriga o prédio do Cine-teatro Brasil era, até final do ano 1920, patrimônio da Paróquia de São Domingos, e correspondia, juntamente com o terreno em que hoje é o Centro de Cultura, “com as residências de Izidro Ferreira dos Santos e Ernesto Rosa”. Foi então que o Pe. André Aguirre vendeu o amplo terreno para João Fagundes de Cerqueira, que construiu uma casa onde atualmente é o cinema, e ao lado “era proprietário de uma outra casa, embora menor, alugada ao que se chamava na época, de ‘Café do Zé Domingos’” (*ibidem*).

Sob a posse da família Fagundes, o imóvel residencial foi vendido, a 10 de maio de 1929, para a firma Arnaldo Araújo e Irmãos (Agenério e Agenor de Braga Araújo), que logo implantaram um “arrojado empreendimento”: a edificação do Cine-theatro Glória (*ibidem*). “Naquele tempo, não se encontrava por aqui um engenheiro ou arquiteto com facilidade e, quando aparecia um, cobrava muito caro. Então o construtor da obra foi o araxaense Valentino

Antônio Sena, famoso construtor de Araxá” (ARAÚJO, 2016, p. 62). Foi assim que se iniciou a trajetória do surpreendente e mais duradouro cinema de rua da cidade.

4.1 CINE-THEATRO GLÓRIA: A GÊNESE

O Cine-theatro Glória, como percebe-se, não foi o primeiro cinema em Araxá. Antes dele, já haviam sido inaugurados o Cinema Araxá, do dr. Laudelino Gomes, já nos idos de 1910, antes da fundação da Prefeitura ou sequer da rede elétrica; e o Cine Trianon, de propriedade do Maestro Elias Porfírio de Azevedo, que ficou bons anos em construção, mas foi aberto no ano de 1922, finalmente. Graças à consulta do jornal *A Opinião*⁵, “do povo, para o povo e pelo povo” e um berço de referências sobre o Cine-theatro Glória entre seus anos de funcionamento, foi possível estipular a data de inauguração do cinema: 9 de março de 1930.

A construção do prédio foi, portanto, extremamente rápida. O edifício “cujo espaço destinava-se, no térreo, a cinema e teatro, salão de jogos, bar, cabaré (ao fundo)” e “um grande salão para a realização de bailes” no primeiro andar (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4), menos de um ano depois de adquirido o terreno da família Fagundes, já estava pronto (Figura 21). “Para a época, ele pode ser considerado moderno pelos seus elementos arquitetônicos, pela sua imponência e pela qualidade de seu acabamento, definido na documentação pesquisada como sendo de ‘primeira ordem’” (*ibidem*).



Figura 21 – Vista externa do Cine Glória. (Fonte: Cinearte, 1932, p. 5)

⁵ O jornal semanário foi fundado em 17 de janeiro de 1932, por iniciativa do proprietário dr. José Carlos Pedro Grande, do diretor responsável dr. J.A. de Carvalho e Mello e pelo gerente Antonio Cabral.

É interessante notar como o nome Glória era popularmente utilizado para nomear edifícios na época. Em Araxá, no ano de 1919, o casal Josina e João Pereira Marques inauguraram o Hotel Glória, artisticamente adornado, em sua sala de visitas, com afrescos que representavam paisagens do Rio de Janeiro, feitos pelo pintor Pedro Leopoldo Vieira. Já “o Hotel Glória do Rio de Janeiro foi inaugurado em 1922 em comemoração ao centenário da independência do país” (LIMA, 2007, p. 114).

Tratando-se de cinema, o dr. Luiz da Rocha Miranda e o sr. Eugenio Honold construíram e inauguraram, em 1925 no Rio de Janeiro, o Cine-theatro Glória “[...] tendo sua frente voltada para a Avenida Rio Branco, os lados para as duas ruas laterais – Francisco Serrador e ator Jaime Costa – e os fundos para a Rua Álvaro Alvim” (TEATROS, 1997). Outro Cine Glória foi inaugurado em Belo Horizonte, no ano de 1927, “[...] em prédio imponente na Avenida Afonso Pena, com capacidade para 1200 pessoas” (BRAGA, 1995, p. 28). De acordo com Braga, o prédio também foi considerado moderno naquela época, tanto pintura, decoração, quanto distribuição de luz e vigas de cimento armado.

Com um espaçamento de mais ou menos uma década entre as inaugurações das salas em Araxá (isso também valendo para as posteriores), o Glória veio em uma nova fase da história do cinema, uma época de advento do som. Tendo como marco o filme *O Cantor de Jazz* (*The Jazz Singer*, Alan Crosland, EUA, 1927) – lançado pela Warner Bros., até então um pequeno estúdio que arriscara tudo na comercialização de seu vitaphone -, a mudança para o sistema sonoro no circuito exibidor do Brasil necessitou de tempo e ocorreu de forma gradual.

Freire afirma que “[...] o número total de cinemas no Brasil diminuiu significativamente ao longo dos anos 1930” (2013, p. 20). Isso porque, em primeiro lugar, o público deveria se habituar a ouvir o idioma estrangeiro nos filmes, e em segundo lugar, o problema que realmente arriscou a permanência dos cinemas foi a inevitabilidade de reestruturar tecnicamente as salas, fosse para o vitaphone, fosse para o movietone. Além dos altos custos para aquisição dos equipamentos, reformas deveriam ser empregadas a fim de adaptar a acústica, a cabine de projeção e até mesmo a tela.

Na contramão disso tudo está o Cine-theatro Glória. Sua localização não muito central, em uma rua ao invés de ser em uma avenida principal, como o caso do Trianon, pode ser considerada mais adequada para a qualidade do som dentro da sala. Em questão de eletricidade, já presente e melhorada em Araxá nos anos 1930, “não se pode esquecer ainda que o cinema sonoro era, sobretudo, um processo elétrico de leitura, amplificação e reprodução de som, exigindo o fornecimento constante e regular de energia elétrica, além de cabeamento da cabine de projeção até os alto-falantes” (FREIRE, 2013, p. 21).

Por falta de material de arquivo, não foi possível determinar quando o cinema dos irmãos Braga de Araújo foi dotado de projeção sonora. Consultado o programa de um mês de abertura da casa, lê-se que haveria o “início da formidável serie de aventuras electrísantes: ‘O Camafeu Amarello’” (*The Yellow Cameo*, Spencer G. Bennet, EUA, 1928), seriado mudo em dez episódios que dividiu a programação com as apresentações teatrais da Cia. Arruda, de São Paulo.

Em nota no jornal *A Faísca*, de 12 de julho de 1930, notificou-se: “vindo de Bello Horizonte, acha-se entre nós o intelligente moço Arnaldo Araujo, socio-gerente da Empreza do Cine-Gloria, que foi aquella Capital exclusivamente para firmar contracto com as grandes fabricas Metro, Paramount e Fox, trazendo com sigo uma programmação colossal a serem exhibidos neste mez” (DIVERSÕES, 1930). Dois oito filmes listados, dois eram sonorizados: Em Continência (*Salute*, David Butler, John Ford, EUA, 1929) – anunciado para o domingo, 13, com “preços populares” -, e o recém *talkie* faroeste Romances do Rio Grande (*Romance of the Rio Grande*, Alfred Santell, EUA, 1929). Dentre eles, foi inviável catalogar somente um, o intitulado O Castigo, por falta de informações.

A despeito disso, é factível que o Cine-theatro Glória mantinha o sistema sonoro, depois de 1932, pois anúncios e notas em *A Opinião* exaltam a aparelhagem sonora da sala. O exemplar de 13 de março, no qual corrobora a data de inauguração do cinema, publicou em sua coluna social o seguinte:

Transcorreu a 9 do corrente, o segundo anniversario do Cine Theatro Gloria, dos srs. Arnaldo Araujo & Irmãos, desta praça. Commemorando a auspiciosa data, os seus proprietarios deram um espectaculo de gala, a que acorreu o mais representativo elemento araxaense. Foi exhibido o bello film "Seducção de Mulher" que immensamente agradou, mesmo porque, reajustados devidamente por habeis mechanicos, para isto, vindos do Rio, ali tem o publico de Araxá perfeitos aparelhos de cinema falado e sonoro, egual aos melhores que possuem as nossas capitaes e os grandes centros (CINE-THEATRO, 1932a).

Portanto, segundo estimativas de 1933, pode-se incluir o Cine-theatro Glória (Figura 22) como um dos 658 cinemas brasileiros a possuir o equipamento (quase mil a menos do total de 1683), e um dos 107 dentre os 294 cinemas de Minas Gerais (CINEMAS, 1933, p. 37). O filme projetado neste aniversário de dois anos originalmente chama-se *Lasca of the Rio Grande* (Edward Laemmle, EUA, 1931), outro faroeste.



Figura 22 – Público presente no Cine Glória em um festival dedicado à Cinearte. Nota-se exposta a revista número 219. (Fonte: Cinearte, 1930, p. 36)

Em 20 de março de 1932, exibiu-se o “grandioso film” *A Patrulha da Madrugada* (*The Dawn Patrol*, Howard Hawks, EUA, 1930) (A PATRULHA, 1932), vencedor do Oscar de melhor roteiro. No mês de abril, a programação contava com *Lágrimas de Amor* (*East Lynne*, Frank Lloyd, EUA, 1931), *O Café do Felisberto* (*Playboy of Paris*, Ludwig Berger, EUA, 1930) (DIVERSÕES, 1932a), e *Esposa por Esporte* (*Part Time Wife*, Leo McCarey, EUA, 1930) (CINE-THEATRO, 1932b). A matinê domingueira de 24 de abril, exibiu *Desejos da Mocidade* (*Young Desire*, Lewis D. Collins, EUA, 1930), e à noite foi a vez de *O Segredo do Advogado* (*The Lawyer's Secret*, Louis J. Gasnier, Max Marcin, EUA, 1930) (DIVERSÕES, 1932b).

A programação do dia 8 de maio, domingo, teve o filme “todo falado e cantado” *O Homem dos Meus Sonhos* (*Women Everywhere*, Alexander Korda, EUA, 1930) na matinê. O outro filme foi *Liliom* (Frank Borzage, EUA, 1930), “na *soirée chic*”, sobre o qual elogiaram:

Esta é a cinta cinematographica assombrosa, formidavel, sensacional, commovente nos seus lances, no seu enredo, no seu desfecho.

Durante mais de mez, consecutivamente, permaneceu no *ecran* dos cinemas de luxo da Capital da Republica, de Sao Paulo, de Porto Alegre e de Recife, empolgando todo o mundo elegante dessas nossas mais importantes cidades.

É o *film* alma de Charles Farrel, o mais afamado artista da Fox.

Scenas impressionantes, estonteantes quadros, passagens que emocionam, eis todo o seu conjunto. (DIVERSÕES, 1932c).

Na quarta-feira, dia 11, foi a vez de *Mulheres de Todas as Nações* (*Women of All Nations*, Raoul Walsh, EUA, 1931), “comedia de fino lavor. Fabrica de gargalhadas, esta fita é recommendavel a quem quer que deseje instantes passar de gozo, de alegria, de contentamento”.

Ao final, o jornal propagandeia “[...] cerremos fileiras e marchemos resolutos e firmes para o Cine-Theatro Gloria, à rua Presidente Olegario Maciel” (DIVERSÕES, 1932c).

A programação domingueira da semana seguinte deste “centro de arte e de elegância”, exibiu “dois admiráveis *films*”: Filhos (*Seed*, John M. Stahl, EUA, 1931), em matinê, e “em *soirée*, um variado Jornal Fox Movietone, todo falado, e que trará ao nosso conhecimento os mais importantes acontecimentos aereos, politicos e sociaes do mundo, e a assombrosa pellicula” O Querido das Mulheres (*A Devil with Women*, Irving Cummings, EUA, 1930), que conta com “artistas de maior evidencia da cinematographia moderna” como Humphrey Bogart, Mona Maris e Victor McLaglen (DIVERSÕES, 1932d).

Para além das sessões regulares, assim como o Cinema Araxá fazia nos anos 1910, os irmãos Braga de Araújo frequentemente realizavam festivais beneficentes no Cine-theatro Glória, a favor de instituições da cidade. O número 17 de *A Opinião* traz, de maneira lisonjeira com a qual costumava se referir ao cinema, a seguinte nota:

Somos pelos que trabalham na luta honesta pela vida, pelos que se esforçam e jamais reluctam em prestar, por solicitação ou espontaneamente, quaesquer serviços que, directa ou indirectamente, possam aproveitar a collectividade.

Estão nesse caso os Irmãos Araujo, proprietarios do Cine-Theatro Gloria, nesta cidade. Moços, aqui nascidos, filhos de troncos genuinamente araxaenses, esses nossos conterraneos retractam essa característica propria do seu povo: - são trabalhadores e bem dosados possuem os sentimentos da solidariedade humana.

Todos sabemos quanto se esforçam os srs. Arnaldo Araujo & Irmãos pelo maior desenvolvimento das nossas instituições, especificadamente da Santa Casa de Misericórdia e da Villa de S. Vicente de Paulo, em cujo favôr não regateiam auxilios. [...] Sejamos todos agradecidos e saibamos corresponder todas essas suas manifestações, concorrendo com o nosso comparecimento ao Cine-Theatro Gloria que, sobre focalisar films de primeira ordem, moraes e educativos, offerece, do ponto de vista material, o maior conforto (CINE-THEATRO, 1932c).

Na noite de segunda-feira, 23 de maio de 1932, foi realizado um festival em prol da Santa Casa de Misericórdia, onde foi exibida “uma fina pellicula sonora” O Czar da Broadway (*Czar of Broadway*, William James Craft, EUA, 1930). No salão do cinema, naquela mesma semana, foi realizada uma conferência pelo bispo de Uberaba, Dom Frei Luiz M. de Sant’Ana, a pedido de José Adolpho de Aguiar, provedor da Santa Casa. O evento contou com a fala dos mesmos e apresentação do dr. Joaquim Antonio de Aguiar, em nome do organizador sr. José Adolpho. A respeito da “brilhante conferência”, *A Opinião* declarou: “[...] esteve a cunha o bello e imponente edificio. Vimos ali o que de mais selecto possúe Araxá” (A SEMANA, 1932).

Colhendo Amores – filme estrelado por J. Harold Murray e Norma Terris, e que pela sua sinopse provavelmente é *Cameo Kirby* (Irving Cummings, EUA, 1930), versão de Sota, Cavalo e Rei (*Cameo Kirby*, John Ford, EUA, 1923) -, foi projetado no Glória do dia 20 de junho, segunda-feira. Dessa vez, a sessão foi em benefício do Dispensário dos Mendigos. A

chamada feita em *A Opinião* finalizava deste modo: “[...] concorramos todos, sem qualquer objecção, com o nosso obulo. Divertindo o espírito cumpriremos o dever da caridade, pedra angular de todo um grande edificio social culto e civilisado” (FESTIVAL, 1932).

Em 1933, um filme que foi bastante aguardado no Cine-theatro Glória foi *M., O Vampiro de Dusseldorf* (*M., Eine Stadt sucht einen Mörder*, Fritz Lang, Alemanha, 1931). Conforme Brener (2009), este foi o primeiro filme falado do expressionista Fritz Lang e “[...] teve possivelmente como argumento um fato real. [...] No período, o cinema alemão entrava em decadência, já notada nos últimos anos do cinema silencioso. Entretanto, alguns filmes como o Anjo azul, A ópera dos três vinténs, Senhoritas de uniforme e *M.*, o vampiro de Dusseldorf são exceções”. Passou no dia 23 de março, no Glória, “esse film assombroso e de grande intensidade dramatica, como raros tem sido exibidos em Araxá”, apresentado pelo Programma “Art” (HOJE, 1933).

Apesar de todo o esforço, do que parece ser um sucesso, e das páginas elogiosas em *A Opinião*, os irmãos Braga de Araújo tiveram de vender o Cine-theatro Glória, no referido ano de 1933. Um dos motivos, segundo a revista *O Trem da História*, foi a repercussão da crise de 1929, a qual impediu um suficiente retorno financeiro para o empreendimento. Ademais, pessoas daquela época destacaram o papel conservador exercido pela Igreja, “que determinava os hábitos e os costumes de então” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 4).

Sabe-se que em 1936, o Papa Pio XI viria a escrever a Carta Encíclica *Vigilanti Cura* sobre o cinema, no qual se defende a manutenção da decência e da moral cristã na produção fílmica. Ou seja, a Igreja já reconhecia o poder cinematográfico e se valeu, diante disso, da censura como um meio de vigilância dos seus preceitos. Toda essa aura de preceitos morais pode ter refletido em Araxá, uma cidade interiorana muito ligada à religião católica, ainda no início da década de 1930, mesmo que a imprensa defendesse o trabalho exemplar e benevolente dos irmãos Braga de Araújo.

4.2 ALUGUEL NAS MÃOS DO MUNICÍPIO: O CINE-THEATRO MUNICIPAL

O prédio do Cine-theatro Glória, pela sua grande valorização, teve dificuldades para ser vendido. “Por isso, com a interferência do Senador João Jacques Montandon, representante de Araxá na Assembléia Legislativa do Estado no Governo de Olegário Maciel, os irmãos Braga de Araújo venderam sua propriedade a um cliente à altura daquele patrimônio: o próprio Estado de Minas Gerais” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 5). Doravante, representado o Estado, o

município administrou o edifício, sob a figura do prefeito Fausto Alvim. Eis que o imóvel passa a ser chamado de Cine-theatro Municipal, ou apenas Cine-Municipal.

De início, a sala de cinema foi alugada para terceiros. Posteriormente, outro cômodo do andar térreo voltou a funcionar, “arrendado pelo prazo de um anno pelos Snrs. Edson Alvarenga, Waldemar Siqueira e Octamilo Cunha”, assim notificado no terceiro número do jornal *Renovação* de 28 de janeiro de 1934:

Desde que o imponente edificio onde, actualmente funciona o novo Cine-Theatro Municipal, foi, pelo governo do Estado, doado à Prefeitura, varios mezes de expectativa, por parte do povo, decorreram quanto ao arrendamento de suas dependencias. [...] Mezes e mezes se succederam encontrando todos as pesadas cortinas de aço do predio, construido pelos Snrs. Arnaldo Araujo & Irmãos, invariavelmente, cerradas.

Domingo passado, finalmente, o antigo "Bar Restaurant Gloria" reabriu as suas portas. E o povo que, ha muito, resentia e reclamava a sua falta, regosijou-se com o acontecimento. Realmente, pela sua situação, pela sua illuminação farta, pela agradável impressão de hygiene e limpeza que nos advem dos seus amplos e magnificos salões, caprichosamente mobiliados e mais pelos seus numerosos *habitués*, este estabelecimento, sendo bem digno de Araxá, veio novamente imprimir maior vida não só à toda nossa principal arteria, como tambem à toda nossa *urbs* (REABERTURA, 1934).

Percebe-se, pelas programações publicadas no *Renovação*, que a Empreza Baroni já vinha alugando o cinema, e foi logo no início de fevereiro que o Cine-theatro Municipal foi arrendado pela referida empresa, também por um ano. O negócio de Ernesto Rosa e Dino Baroni já prosperava, pelos programas “caprichosamente escolhidos” e pela grande frequência nas sessões, como informou o jornal do dia 4 de fevereiro. Além disso, os redatores pontuaram: “[...] todos nós sabemos o que significa o cinema nas grandes capitaes do nosso paiz. Si assim o é, si o cinema nos grandes centros ainda constitue uma das mais preferidas, sinão a mais preferida de todas as diversões, para as nossas cidades do interior elle tem que ter, forçosamente, significação muito maior. Está, pois, de parabens o povo de Araxá com esta nova” (ARRENDADO, 1934).

Ainda no começo de 1934, os redatores do *Renovação* (Thomaz de Almeida e Alvaro Ribeiro, sob a gerência de Antonio Cabral) sugeriram, no referido terceiro número, que fosse feito um baile de carnaval à fantasia no Cine-Municipal, “fazendo reverter o possivel excedente das despesas em beneficio de uma das nossas instituições de caridade” (ÀS PORTAS, 1934). O alvitre do jornal foi aceito pela Empreza Baroni e na programação estavam três bailes, com o repertório do conjunto Jazz Trianon, de Mario Porphyrio, além de uma inédita matinê infantil e gratuita no domingo, com a banda do maestro Sancho. O *Renovação* também patrocinou dois cursos, com “duas filas de automoveis em vae-vem” na rua do Municipal, seguidos de batalhas de confetes (ESTÁ, 1934).

Segundo Mattos (2006), viveu-se, nas décadas de 1930 e 1940, o apogeu do *studio system*, isto é, sistema de estúdio. Juntamente com o *star system*, estrelismo de atores e atrizes, e o sistema de gêneros, o cinema hollywoodiano procurou ganhar mercado, contanto inclusive com leis governamentais, e dessa forma a bilheteria cresceu no pós-Depressão. Cinco companhias controlavam a própria produção, distribuição e exibição em suas salas: RKO, Fox, Warner Bros., Paramount e Metro-Goldwyn-Mayer. A Universal, a Columbia e a United Artists eram “[...] três companhias de porte médio (*Little Three*) que não possuíam cinemas e apenas forneciam seus filmes para as grandes” (MATTOS, 2006, p. 53).

Analisando os programas do Cine-Municipal no *Renovação* percebe-se a profusão de filmes desses estúdios americanos. Entre janeiro e setembro de 1934, dos 19 filmes levantados, 9 foram produções e/ou distribuições da Metro-Goldwyn-Mayer, 4 da Universal, 4 da Fox, 1 da RKO e 1 da United Artists. A maioria dos filmes, inclusive, eram divulgados com os nomes dos atores principais, o que reforça o *star system* dos estúdios hollywoodianos.

No dia 11 de março, foi exibido o drama da Fox *Cavalcade* (Frank Lloyd, EUA, 1933) (HOJE, 1934), vencedor dos Oscars de melhor filme, melhor direção e melhor direção de arte para William Darling. Em maio, foi a vez de Rasputin e a Imperatriz (*Rasputin and the Empress*, Richard Boleslawski, Charles Brabin, EUA, 1932), “gloria da Metro, com os famosos John, Ethel e Lionel Barrymore” (CINE-MUNICIPAL, 1934), e da primeira versão de *Scarface* (Howard Hawks, EUA, 1932) (SCARFACE, 1934), produzido por Howard Hughes e Hawks, e distribuído pela United Artists.

A capa de 12 de agosto de 1934 do *Renovação* esboçou a seguinte chamada: “a Empresa Baroni anuncia para hoje o grande film sentimental, feito exclusivamente para as mães, da “Fox-Movietone” Peregrinação [*Pilgrimage*, John Ford, EUA, 1933]. Nesta grandiosa produção sobresahe a figura do masculino e apreciado artista Norman Foster. Não percam!” (CINE-MUNICIPAL, 1934b). No mês de setembro, o destaque do final da capa dizia: “a incomparável e fascinante artista da “Metro” Greta Garbo aparecerá hoje, na luxuosa pellicula do “Leão” da Metro Como Me Queres” (*As You Desire Me*, George Fitzmaurice, EUA, 1932) (CINE-MUNICIPAL, 1934c).

No segundo semestre de 1934, passou a circular em Araxá o jornal *Almenara*, órgão da União dos Moços Católicos da cidade, gerenciado por Jason Oliveira com redatores diversos e colaboração variada. Em 1 de abril de 1935, o jornal fez o anúncio de um filme:

A Empresa Baroni, no louvável intuito de proporcionar ao nosso público espetáculos verdadeiramente bons, vai exhibir na próxima quarta-feira, dia 3 de Abril, o maravilhoso filme SYMPHONIA INACABADA, que tem obtido em toda a parte um

sucesso verdadeiramente estrondoso, sendo o unico film que até hoje conseguiu permanecer no cartaz durante 10 semanas num cinema do Rio de Janeiro.

SYMPHONIA INACABADA não é um film. É uma verdadeira obra prima de forma e de som. Um sublime espectáculo de arte, no qual imperam a voz maravilhosa de MARTHA EGGERTH e a musica consagrada de FRANZ SCHUBERT.

A Ave Maria de Schubert, cantada pelos meninos cantores de Santo Estevam, seria bastante para consagrar esta assombrosa produção cinematographica.

O CINE MUNICIPAL, certamente, vae apanhar uma enchente formidavel, pois ninguem resistirá ao desejo de presenciar tão sublime espectáculo (SYMPHONIA, 1935, p. 4).

Dias depois, o *Almenara* noticiou a visita do recém sagrado bispo Dom José Gaspar, eclesiástico nascido em Araxá. Sua recepção contou, em meio a outros eventos, com um banquete de gala realizado no dia 6 de maio no Cine-theatro Municipal (Figura 23). Dentre os nomes que confirmaram presença estavam Agenor Braga, Dino Baroni, Bernardo Mascarenhas, Jason Oliveira, Pe. André Aguirre, Heitor Montandon, Joaquim Antonio de Aguiar e logicamente o prefeito Fausto Alvim (DOM, 1935).

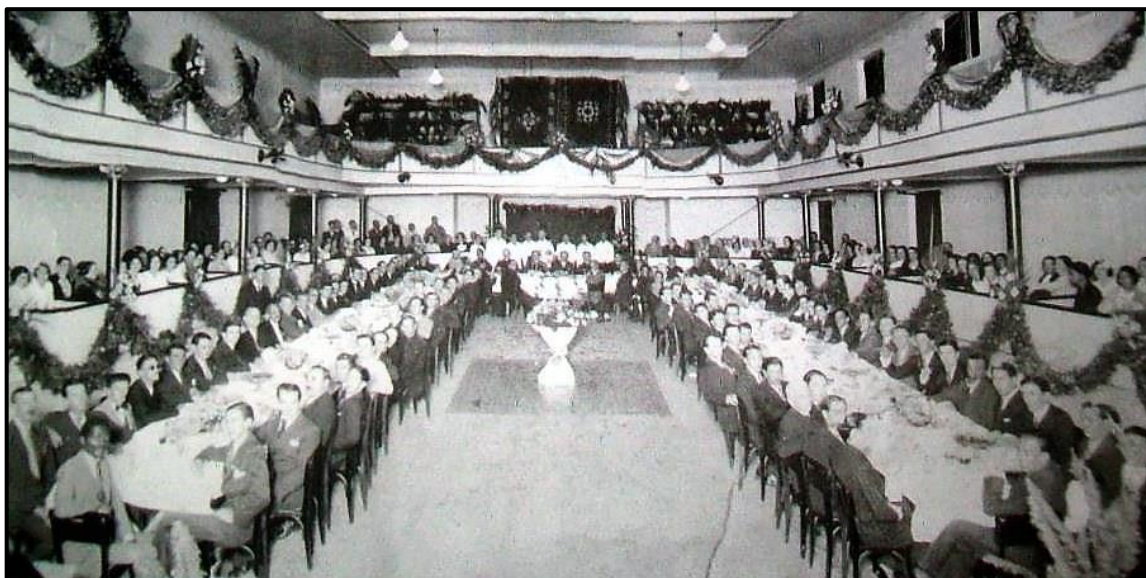


Figura 23 – Banquete oferecido ao bispo Dom José Gaspar no salão do Cine-theatro. (Fonte: FCCB)

A cobertura da passagem de três dias do primeiro bispo de Araxá ocupou a capa e as segunda e quarta páginas do *Almenara* de 19 de maio de 1935. A descrição do banquete ocorrido no Municipal demonstra como o prédio construído pelos irmãos Braga de Araújo era reduto da fina flor da sociedade araxaense:

Foi um espetáculo inedito na vida social de Araxá. Nunca se organizou, na nossa cidade, uma festa tão expressiva e de tanta distinção. Acreditamos que no interior do nosso Estado, difficilmente se fará melhor ou mesmo igual.

Na vasta platea, ocupando toda a sua area, estendia-se artistica mesa em forma de U, que foi occupada por 140 pessoas - representantes de todas as classes e de todas as familias araxaenses.

O colorido inigualável de nossas rosas collocadas em graciosas jardineiras emprestava-lhe um encanto singular. Havia gosto, havia arte, havia distincção. Não parecia mais um ambiente do Brasil Central. Resaltava a nuance de uma civilização já adiantada do nosso meio. Das frisas caprichosamente ornamentadas com festões de folhagens e flores naturaes, assistiam ao sumptuoso banquete numerosas familias araxaense - cintando assim a riquissima mesa com o donaire de nossas graciosas senhorinhas e distinctas senhoras. Todo este ambiente de festa, de cordialidade e distincção era ainda amenisado pelas musicas escolhidas de nossa apreciada orchestra (ARAXÁ, 1935, p. 2-4).

Comparando o cinema com a literatura, o jornal da União de Moços Católicos fez uma rogatória à direção do Cine-Municipal: “[...] pedimos aos nossos distinctos emprezarios exigir das firmas fornecedoras fitas para as familias. Ha dias foram exhibidos films, que nas capitaes traziam a recommendação "improprio para adolescentes". Aqui no emtanto foram offerecidas ao publico *sem ressalva alguma* [grifo do jornal]” (O CINEMA, 1935, p. 1). Abaixo do pedido – e nos números seguintes -, publicaram a classificação moral dos filmes, assim como também era divulgado no jornal *Lar Católico*, de Juiz de Fora.

O mesmo número que publicou a súplica na capa anunciou na coluna Voz Parochial, “[...] que os Senhores arrendatarios do Theatro Municipal, atendendo aos desejos da nossa população para um CINEMA UTIL E AGRADAVEL, num gesto de cavalheirismo, prometteram envidar todos os esforços em favor do bom cinema. Fazemos votos para que possam realizar esse programma; serão credores dos nossos applausos e das bençams de DEUS” (CINEMA, 1935, p. 4). Parece que, dessa forma, a empresa do Cine-Municipal conseguia articular com a Igreja quanto à programação que era exibida.

“Se o ano de 1937 terminou para o Brasil com o Congresso Nacional fechado, com uma nova constituição que privilegiava o poder executivo e com os partidos políticos dissolvidos e os meios de comunicação censurados, para Araxá foi marcado pelo nascimento do Clube Brasil” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 5). Inaugurado no salão do Municipal, em 9 de outubro de 1937, “numa noite de gala, ao som de orchestra”, o clube recreativo foi uma iniciativa de onze homens que previamente fundaram uma Comissão para eleger sua diretoria, liderada por Dâmaso Drummond e formada por Danilo Cunha, Antônio de Castro Botelho, Genaro Porfírio de Azevedo, Geraldo de Paiva Abreu, Jayme Dumont, José Maria de Lima Torres, Pedro de Paula Lemos, Tibúrcio Afonso Teixeira, Ubaldino Ribeiro e Walter Santos.

O município, até então detentor do Edifício Glória, dispôs gratuitamente todo o andar superior do prédio para o estabelecimento do clube que, segundo *O Trem da História* era “reconhecidamente influenciado e estimulado pela ideologia do estado autoritário de Getúlio Vargas” (1997, p. 5). Nos estatutos formulados pelo grupo “nota-se a evidente preocupação com temas culturais (mesmo que nesse caso atingisse uma restrita camada da população) e ao

mesmo tempo já denota a importância de explorar a potencialidade turística da estância que ainda não havia sido apresentada como a maior e a mais bela do continente” (*ibidem*).

Um ano depois, Araxá carecia de verba para terminar a estrada Araxá-Catiara e apelou para o Governo Estadual, que autorizou que se vendesse o Cine-teatro, a um “preço mínimo de cento e cinquenta contos de réis”, a fim de se obter a renda para as obras. Sob concorrência pública, o Clube Brasil adquiriu o imóvel, após vender algumas ações, passando a administrar todas as instalações e a ter sua sede própria (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p.5). A essa altura, o Cine-Municipal passaria a ser chamado de Cine Brasil. A Figura 24 mostra uma foto frontal do prédio tirada por volta dessa época de arrendamento, visto que dois dos três filmes anunciados são do início de 1940: A Volta do Fantasma (*Topper Returns*, Roy Del Ruth, EUA, 1941) e Quero Casar-me Contigo (*Sun Valley Serenade*, H. Bruce Humberstone, EUA, 1941), além de Cem Homens e Uma Menina (*One Hundred Men and a Girl*, Henry Koster, EUA, 1937), o primeiro cartaz visto à esquerda.



Figura 24 – Fachada do Cine-theatro Brasil, no início da década de 1940. (Fonte: FCCB)

4.3 REMINISCÊNCIAS

Em fevereiro de 1941, a sala de cinema foi arrendada pela Empresa Cine Brasil de Geraldo Porfírio Botelho e José Fonseca Júnior, pelo prazo de cinco anos. Entretanto, com a troca da Diretoria do Clube em 1942, conforme folheto de novembro do acervo da professora Silvanita Marques⁶, a Empresa Cine Brasil alegou que a mesma era “o ponto de partida para certos elementos que alimentam a intenção de combater a Administração do Clube Brasil”, e propôs que o prazo de arrendamento fosse reduzido para o dia 31 de dezembro de 1942. A sugestão foi aceita pela Diretoria e a partir do ano de 1943 o Clube Brasil explorou por conta própria o departamento cinematográfico.

A proposta da Empresa ainda contou com uma oferta de 5:000\$000 contos de réis de indenização, pelas despesas de instalação de nova aparelhagem, pintura na sala de espera, empréstimo do salão do cinema para a realização de seis bailes de carnaval (dos anos 1941 e 1942), reforma e substituição de poltronas, e gastos com publicidade, que aumentaram a frequência do cinema. Essa cláusula também foi acordada por ambas as partes.

No ano de 1946, o prédio passou por reformas. O projeto foi assinado por Romolo de Paoli e executado por Valentino Antônio de Senna. “Nesse período, o Cine Brasil [...] despertava grande atenção de frequentadores e empresários dispostos a arrendá-lo” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 6). Ao mesmo tempo, segundo Lima (2007), a antiga Rua Boa Vista (Figura 25) crescia em comércio e começava a possuir “[...] bares, cafês e confeitarias celebrizados pela população” (p. 135).

⁶ Professora, formada em história pelo Centro Universitário do Planalto de Araxá com a pesquisa *Fábrica de sonhos: o cinema em Araxá e o imaginário modernista na primeira metade do século XX*, 2005.



Figura 25 – Rua Olegário Maciel, antiga Boa Vista. Década de 1940. (Fonte: FCCB)

Na figura acima, observamos à direita o edifício do Cine Brasil. No pavimento superior está o Clube Brasil, identificado com uma pequena placa quadrada acima da sacada onde provavelmente estava escrito o nome do clube. No térreo, é possível identificar o que seria a entrada do cinema, pelo cartaz de programação fixado à porta. Ao lado esquerdo dessa entrada, por onde passa um homem de terno branco, está a parte da Cafeteria Brasil. À frente do cinema, no outro lado da calçada, está outro café e um restaurante/sorveteria. Uma das netas de Elias Porfírio de Azevedo, Rasma Porfírio de Azevedo, 82 anos, ao tomar conhecimento do primeiro nome do Cine-teatro Brasil, o Cine-theatro Glória dos irmãos Braga de Araújo, lembrou que “inclusive tinha uma sorveteria embaixo que chamava sorveteria Glória, onde é a entrada do Clube hoje” (AZEVEDO, 2017).

O Clube Brasil, presidido por Dino Baroni, passou a alugar o cinema para a firma de Ribeirão Preto Empresa Teatral Paulista Ltda., no final da década de 1940. Em nota, o jornal *Gazeta de Araxá* notificou o seguinte:

O Departamento Cinematográfico do Clube Brasil, encerrando as suas atividades, apresenta ao público cineasta araxaense seu mais sincero agradecimento pelo inestimável apoio que lhe emprestou durante o tempo em que esse cinema esteve sob a sua administração, ao qual sempre procurou corresponder da melhor maneira possível, embora enfrentando serias dificuldades na organização de suas programações, por motivos alheios à sua vontade, e sobejamente conhecidos de todos.
A EMPRESA TEATRAL PAULISTA LIMITADA, à qual caberá gerir, d'oravante, essa magnífica casa de diversões, detentora de um vasto circuito em importantes cidades do Estado de São Paulo, estará em condições de proporcionar espetáculos à altura do apurado gosto do público araxaense amante do bom cinema (CINE, 1949).

Dessa maneira, a Empresa Teatral Paulista Ltda. passava a ser detentora das salas do Cine Brasil e do Cine Trianon, como se percebe nas programações publicadas no *Jornal de Araxá* do ano de 1952 (Figura 26). Enquanto isso, os irmãos Porfírio estavam à frente do Cine-teatro Araxá, no Barreiro, e a Rádio Imbiara de Geraldo Porfírio Botelho, primo deles, abria as portas de seu auditório para a exibição de filmes, entre outras programações.

Cine BRASIL
Emp. Teatral Paulista Ltda. - Araxá - MG.

Amanhã, simultaneamente, Brasil e Trianon, a maior comédia do Cinema Nacional:

- SAI DA FRENTE -
 com **MAZZAROPPI** - uma nova força cômica que se levanta.

Segunda-feira - O Magro e O Gordo na comédia de abafar: - **ERA UMA VEZ DOIS VALENTES.**

Terça-feira - CIUME QUE MATA - com Ruth Roman e Richard Tood. - Só duas criaturas acreditavam na sua inocência; uma por amor, outra pela fé.

Aguardem - AREIÃO.

Figura 26 – Programação do Cine Brasil na semana de 8 de novembro de 1952.
 (Fonte: CINE BRASIL, 1952, p. 3)

Não se pode esquecer que o Cine Brasil possuía um diferencial que era o Clube Brasil, onde se promoviam bailes de carnaval, de formatura, concursos, desfiles de moda, etc. “Nos idos de 50, grandes eventos ocorrem no Clube Brasil. Festas Juninas, Orquestras Famosas, Baile da Bola (vestidos bolados), Miss Elegante Bangu, Baile do Havaí, e as famosas Horas Dançantes, que se estendem pelos anos 60, ao som da Orquestra L’Aranha, ou outras” (O TREM DA HISTÓRIA, 2015, p. 26). Uma outra neta de Elias Porfírio de Azevedo, a professora aposentada Regina Porfírio de Azevedo, 77 anos, comenta que as Horas Dançantes eram muito animadas, com música ao vivo, mais ou menos das 21h às 1h (AZEVEDO, 2017).

Por volta de 1954, conforme entrevista com Rasma Porfírio de Azevedo, o Cine-teatro Brasil foi alugado pelos Irmãos Porfírio, passando a ser uma das salas que os tios gerenciavam. Além do Cine Brasil e do Cinema do Barreiro, eles estavam à frente do Cine

Trianon e de uma sala em Patos de Minas, mais ou menos na mesma época (AZEVEDO, 2017). Aos domingos, a professora aposentada Regina Porfírio de Azevedo recorda de frequentar de graça as matinês no Cine Brasil, juntamente com suas primas, uma vez que não havia matinês no Trianon, apenas sessões às 18h e às 21h. Cada moça ganhava de Lamartine Porfírio de Azevedo, pai de Rasma e Regina, mais ou menos 10 centavos para tomar um picolé após as sessões (AZEVEDO, 2017).

De forma parecida, o aposentado Nicanor de Freitas Filho, 73 anos, residente na cidade de São Paulo desde 1964, vivenciou a década de 1950 no Cine Brasil por intermédio de familiares, pois seu tio, João Rosa, foi operador do cinema por mais de dez anos. Além do tio, o primo Maurício Rosa, filho de João, também foi operador, ficando mais tempo, seguido do irmão mais velho de Nicanor, Alcino de Freitas. O aposentado conta, em entrevista, que saiu cedo de Araxá, em 1956, porém se recorda de fazer troca de gibis na porta do Cine Brasil, nos domingos antes das matinês. “Cheguei a ter mais de 100 gibis em casa, sem ter dinheiro para comprar. Só na base de negociações bem-feitas! [...] Mas era uma atividade que os jovens adoravam. Cerca de 40 a 50 jovens trocando seus gibis” (FREITAS FILHO, 2017).

Nicanor de Freitas Filho acredita que muito de seu fanatismo por leitura se deva a esse primeiro contato com os gibis na calçada do cinema. Por meio de um blog, Nicanor escreve causos e crônicas sobre suas memórias e/ ou assuntos variados, como a lembrança a seguir:

Na minha infância, digamos até os meus doze anos – e mesmo mais tarde, quando eu estava de férias em Araxá – ia sempre ao cinema, pois entrava com meu tio João Rosa, depois com o primo Maurício e mais tarde com meu irmão Alcino, todos operadores do Cine Brasil. Mas eu os ajudava. Aprendi rebobinar os filmes e era o que eu fazia. Mas tinha direito de entrar junto com eles e, obviamente sem pagar, pois não tinha outra forma de ir ao cinema. Era uma pobreza só!

Lógico, que o que mais gostava, era ir às matinês, Tarzan, Flash Gordon, Hopalong Cassidy, Batman, Genny Autri, Fantasma e muitos outros seriados famosos. Mas os dois filmes que mais assisti, pelo menos uma dúzia de vezes cada um, foram “La Violetera” e “Trapézio”. Nestes dois filmes, eu, criança de 12 anos, me “apaixonei” pelas atrizes Sarita Montiel e Gina Lolobrigida, respectivamente atrizes de La Violetera e Trapézio. Como sempre gostei muito de músicas, também sou apaixonado, pelo bolero La Violetera e pela valsa Danúbio Azul, trilhas sonoras dos respectivos filmes (FREITAS FILHO, 2017).

Os dois filmes citados que o marcaram são *La Violetera* (Luis César Amadori, Espanha-Itália, 1958) e *Trapézio* (*Trapèze*, Carol Reed, EUA, 1956). Em depoimento, Nicanor conta que em uma exibição de *La Violetera* o filme arrebentou e que para emendar de novo deveria cortar um pedaço da película. Espertamente, o garoto cortou um pedaço maior, só para ficar com a imagem da Sarita Montiel, na qual ele guardou até por volta de 2007, quando mudou de apartamento e perdeu algumas coisas antigas, incluindo a pequena recordação em celuloide (FREITAS FILHO, 2017).

Outro caso que marcou Nicanor e que originou um texto em seu blog⁷, é de quando um operador, chamado Jair, jogou veneno BHC⁸ por trás do ventilador que puxava o ar externo, durante a projeção de *A Última Carroça* (*The Last Wagon*, Delmer Daves, EUA, 1956). A ideia tinha vindo de uma sessão que frequentara em outra cidade em que alguém tinha jogado, da mesma forma, pó de rapé; só que quando Jair foi comprar no armazém, por se tratar de uma grande quantidade, foi convencido a levar BHC, mais eficaz contra inseto e mais barato.

No domingo eu fui ao Cine Brasil, com alguns amigos, inclusive com as irmãs deles, e eu estava de olho numa delas, para namorar. Mas tinha que ter calma! Naquele tempo era tudo muito mais difícil. Ainda mais irmã de amigo!! Acredito que éramos uns seis ou sete amigos sentados na mesma fila. O cinema estava literalmente lotado e tinha muita gente esperando lá fora, pois havia promessa de se fazer uma seção extra. O “endiabrado” Operador, quando saiu para jantar, após a 1ª seção, sorrateiramente saiu pelo fundo do prédio, subiu no muro que separava o terreno do Cinema com a casa da outra rua e foi tratar de executar o seu plano.

Já tinha passado da metade do filme, quando se percebeu que o cheiro no ambiente era ruim, mas ninguém havia percebido ou desconfiado do que se tratava. O filme era bom e todo mundo estava concentrado nele. De repente, ouvimos um barulho muito forte, de alguma coisa sendo triturada por uma máquina (ou talvez pela carroça do filme) que também parecia uma explosão. Aí apareceu no feixe de raios da projeção, uma “fumaça”. Aí sim, todo mundo sentiu os olhos, nariz e a garganta totalmente ardidos e o cheiro do BHC muito forte. Todo mundo levantou e houve aquele tumulto, desespero e aflição para abandonar o local (FREITAS FILHO, 2012).

O que acabou acontecendo foi que o gaiato do operador se desequilibrou no muro enquanto jogava o veneno para dentro da sala. No final da história, “[...] foi uma semana de ardência nos olhos e nariz! É lógico que no dia seguinte o dono do armazém, com nariz e olhos vermelhos, que também estava na seção de cinema, foi até à Delegacia explicar o que tinha acontecido e denunciar o autor” (FREITAS FILHO, 2012).

Desde que voltou a circular em 1957, o jornal *Correio de Araxá* somente publicou duas programações do Cine Brasil, no mesmo ano de retomada aliás. O jornal era propriedade de um dos irmãos Porfírio, Joaquim Ewandinak, que na época, além de gerir o Cine-teatro Araxá com seu irmão Genaro, abriu uma gráfica para o jornal no próprio prédio do Trianon. Desse modo, há a hipótese de que no final da década os irmãos não eram mais os arrendatários da sala do Clube Brasil, assim como há a certeza de que não estavam a frente do Cine Trianon naquele momento.

Todavia, os dois anúncios são de grande relevância, pois exibem o cartaz dos filmes (Figura 27), diferente do que era comum se publicar, que era apenas uma lista com os nomes. Ademais, tais imagens estampam a grafia Cinemascope, que traz a suposição de que o Cine-

⁷ Disponível em: <<https://freitasnet.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

⁸ Sigla para *Benzene Hexachloride*, o BHC é um inseticida agrícola popularmente conhecido como “pó de broca”. Foi proibido em todo o país, em 1989, após estudos alertarem os efeitos danosos ao sistema nervoso e cancerígenos.

teatro Brasil foi dotado desse sistema anos antes da sala do Cine-teatro Araxá do Barreiro, da mesma forma que o Trianon arrendado pela E.T.P também possuiu.

CINE BRASIL - Hoje:
Suplicio de Uma Saudade
As 15 - 17 - 19 e 21 horas

3.ª Feira —
Ódio entre as grades
Louis HAYWARD — Joanne DRU — Paul KELLY

4.ª Feira —
Vale da Decisão
GREER GARSON
GREGORY PECK

5.ª Feira —
Armado até os dentes
ROBERT MITCHUM
JAN STERLING

6.ª Feira —
Pórtico da Glória
— com JOSÉ MOJICA —

Sábado —
CRIMES VINGADOS
— TECNICOLOR —
John AGAR - Mamie Van
DOREN - Richard BOONE

Domingo —
AREIAS DO DESERTO
Ralph MEEKER - Maile
ENGLISH - John CARRADINE

CINEMASCOPE
SOM DIRECIONAL ESTEREOFONICO DE ALTA FIDELIDADE REPRODUZIDO POR QUATRO FAIXAS MAGNETICAS

**a PERFEIÇÃO do AMOR!
a SUPREMACIA da BELEZA!
o Egito em toda a sua GLORIA!**

20th Century-Fox APRESENTA
O PRODUCO DE DARRYL F. ZANUCK

O EGÍPCIO
Color DE LUXE THE EGYPTIAN

FOTOGRAFADO com as NOVAS e REVOLUCIONARIAS LENTES ANAMORFICAS em **CINEMASCOPE**

DIREÇÃO MICHAEL CURTIZ

Jean SIMMONS
Victor Gene MATURE TIERNEY
Michael Bella Peter WILDING DARVI USTINOV
Edmund PURDOM

— **Aguardem... Dia 3 de Novembro** —

Figura 27 – Programação do Cine Brasil na semana de 20 de outubro de 1957. (Fonte: CINE, 1957, p. 6)

Em 1958, quando novamente Dino Baroni entrou na presidência do Clube Brasil, “foi apresentado um projeto de reforma do prédio” (O TREM DA HISTÓRIA, 1997, p. 6). Um ano depois, Araxá recebeu naquele local a apresentação do pianista, hoje Maestro, João Carlos Martins (Figura 28), que menos de dois meses antes ganhara o prêmio do Festival Casals, nos Estados Unidos.

RECITAL DE PIANO

★ Noite artístico-cultural ★

A diretoria do «CLUBE BRASIL» comunica, que, às 20 horas, de 18 de julho, proporcionará à sociedade araxaense o privilégio de ouvir

João Carlos Martins, -

«O GÊNIO DO TECLADO» (*The Evening Star, de Washington, Estados Unidos*).

Ingressos à venda no Clube.



Figura 28 – Anúncio da apresentação do pianista João Carlos Martins no Clube Brasil. (Fonte: RECITAL, 1959)

Ao final de 1959, a Comissão de Incremento ao Turismo de Araxá (CITA) desembolsou mais de 300 mil cruzeiros para se filmar um curta-metragem colorido a fim propagandista, da Estância Hidromineral do Barreiro e da cidade (FILME, 1959, p. 1). A produção da Cia. Cinematográfica Itamonte foi interpretada por Elizeu Carlos Ferreira e Darcy Ganzarolli, araxaenses que protagonizaram um casal em lua de mel na “maior e mais bela Estância Hidromineral do Continente”. “Ângulos belíssimos de Araxá e de sua vida foram tomados pelas famosas câmeras de Morelli e Luka, prevendo-se grande êxito publicitário” (NOS LABORATÓRIOS, 1959, p. 1).

No ano de 1960, quando ocorreu a exibição, o curta somente passou no Cine-teatro Brasil, o que gerou uma crítica no jornal *Correio de Araxá* (SHORT, 1960, p. 4). Procurado, o prefeito Heli França esclareceu aos redatores:

A Comissão de Incremento do Turismo não adotou regime de privilégio, relativamente à exibição do filme (documentário) sobre Araxá. Foi êle cedido ao Cine Brasil, como poderia ter sido a qualquer outro Cinema da cidade. Basta um pedido à direção da CITA e nós teremos a máxima satisfação em atender. Tivéssemos recebido pedido de outra Empresa, sem dúvida teríamos estudado a possibilidade de um sistema de rodízio a fim de que ambas as Empresas fizessem a exibição do mencionado filme. Entretanto, como nenhuma outra Empresa, nenhum pedido formulou, não nos opuzemos que o Cine Brasil mantivesse o filme em exibição, inclusive o de organizar seções populares, gratuitas, para que toda a população de Araxá o assistisse e conhecesse, como se verificou (SHORT, 1960, p. 4).

Em conversa com Azor Pimenta (2017), o empresário de construção residente em Miami relata que veio a conhecer o que era cinema ao ir no Cine Brasil, na metade da década

de 1960. Quando garoto, por volta de 10 anos, estudava no Colégio Dom Bosco, no qual para utilizar os brinquedos, como bicicleta, patins e patinete, deveria assistir as missas de domingo de manhã na capela deste colégio salesiano. Certa vez ele foi à missa e descobriu que não só deixavam brincar naqueles brinquedos, como ganhava ingresso para a matinê do Cine Brasil. E ainda, se comungasse, recebia ingresso para assistir ao jogo do Araxá Esporte Clube à tarde.

[...] Eu lembro que ganhei o ingresso, porque tinha assistido missa no Dom Bosco. Não tinha a menor ideia do que que era cinema, não imaginava o que que era um cinema, jamais tinha visto um filme, não existia televisão na época lá em Araxá, e quando eu vi o primeiro aquilo foi como se eu tivesse entrado em outro mundo... Puxa, aquilo ali era tudo o que eu queria. Eu descobri que eu ficava bem informado, que eu via assuntos que eu jamais via antes, eu via falar de lugares, pessoas, de tudo. Aquilo ali escancarou um monte de portas para mim. [...] O Clube Brasil que ficava em cima do Cine Brasil, ali era a elite do Araxá, que via cinema, ia para o clube... E eu queria ver esse povo, saber, olhar, ver quem era prefeito da cidade, quem era mais rico da cidade, quem era o maior fazendeiro, quem era o maior isso e aquilo, e foi ali que eu vivi o Araxá. [...] O cinema para mim foi marco. Foi onde eu abri minhas portas para ver o mundo através dos filmes. Cinema era tudo (PIMENTA, 2017).

A partir desse primeiro contanto, Azor não parou mais de ver filme, se tornando um cinéfilo com direito a coleção de DVDs de todos os ganhadores de Oscars, de 1928 até o presente, e álbum de cartazes expostos no Cine Brasil. Concomitantemente, passou a frequentar o Cine Trianon e percebia as diferenças e concorrências dos dois cinemas. Segundo ele, a elite de Araxá não frequentava muito o Trianon, sendo este mais para jovens, e o cinema não enchia tanto como enchia o Brasil. Além disso, o número de cadeiras dentro do Cine Trianon era talvez a metade do que cabia no outro cinema. “O Cine Brasil sempre foi muito maior, e o Cine Brasil reformava as cadeiras de vez em quando... inovava. E o Trianon, não” (PIMENTA, 2017).

Os rolos de filme chegavam na cidade e eram buscados na rodoviária com um carrinho de mão. Para Regina (2017), a lata “parecia um pneu de bicicleta, mas fechado; muito pesado”. Já Azor (2017) se recorda do menino que ia na rodoviária buscar os filmes, mas segundo ele “as latas pareciam formas de queijo com os filmes dentro. Cada filme tinha umas seis latas e eram projetados em dois sistemas”. O empresário conta que às vezes chovia ou quebrava o único ônibus que trazia diariamente os rolos, fazendo com que fosse reprisado o filme exibido no dia anterior.

A medida que foi crescendo, Azor não quis mais ficar assistindo as matinês. As sessões vespertinas de domingo no Cine Brasil, como ele conta, geralmente eram faroestes *spaghetti* que começaram a passar bastante naqueles anos, até o começo de 1970. Entretanto, muitos filmes eram censura 18 anos, tanto os exibidos no Cine Brasil quanto no Trianon. Azor se recorda de entrar, nesse último cinema, pelo vidro no banheiro para poder assistir as sessões, só que com a frequência, começaram a pegar a garotada que usava dessa artimanha. Ele conta

que com 14 anos, já muito marcado, resolveu pegar a lata de um filme – que quando chegava ficava no carrinho de mão a tarde toda no corredor do Trianon -, e jogá-la no lixo. “Não houve sessão naquela terça-feira. [O filme] se chamava Um Marido de Morte” (PIMENTA, 2017) (*Drop Dead Darling*, Ken Hughes, Inglaterra, 1966). Pouco depois, ele conseguiu uma cópia da chave do banheiro feminino, por onde entrava durante as “sessões proibidas”.

“Seu” Benedito foi vagalume, isto é, lanterninha no Cine Trianon por muito tempo. Celuta, sua filha, se recorda de ir com seus irmãos, quando criança, às matinês domingueiras e de sempre frequentar os cinemas da cidade. À época, Geraldo Porfírio, Holmísio de Melo e José Abdanur, “Zezão”, eram os arrendatários do Cine Brasil e da sala do Grande Hotel do Barreiro. Conhecendo a figura do “Seu” Benedito e família, eles convidaram Celuta para trabalhar no Cine Brasil, quando ela tinha 13 para 14 anos. Ao aceitar, ela trabalhou no local do final de 1960 até 1984, exercendo as funções de bilheteira, lanterninha e porteira. Demolido o Trianon, em 1972, o pai dela também foi para o Cine Brasil onde ocupou o cargo de porteiro, com carteira assinada – algo que ele ainda não tivera -, até se aposentar (REZENDE, 2017).

Contratada como lanterninha, Celuta se recorda do papel que exercia, algo que não existe mais nos cinemas:

O serviço da lanterninha era quando começava o filme. [Para as] pessoas que chegavam assim que tinha fechado as cortinas e o filme estava passando, as lanterninhas [...] mostravam para as pessoas onde é que tinha o assento delas. E também porque era proibido fumar dentro do cinema, mas mesmo assim alguém fumava, então minha obrigação era ir lá pedir para parar de fumar. Às vezes uns paravam, outros não, e a gente tinha [...] que chamar a atenção; se tivesse fumando, ou se tivesse assim, fazendo bagunça dentro do cinema. Os donos do cinema falavam para a gente chamar a atenção duas vezes. Se não atendesse a gente, tinha que ir na porta chamar o policial que chegava lá e pedia a pessoa para sair de dentro do cinema. No entanto, muita gente até hoje ainda brinca e fala comigo “ah, você lembra? Você me pôs pra fora” (REZENDE, 2017).

Revezando as funções com a folga ou férias de outro funcionário, a ex-lanterninha aposentada conta que quando ia para a portaria receber os ingressos tinha que se atentar se a idade dos espectadores correspondia com a censura do filme que estava passando. Se a censura, por exemplo, fosse 18 anos e o porteiro achasse que a pessoa tivesse menos, esta tinha que apresentar a identidade, porque se ela entrasse e um comissário de menor percebesse, o cinema era multado (REZENDE, 2017). A respeito disso, Azor revela que com 13 anos, tendo outra estratégia para assistir aos filmes com censura 18 anos, falsificou sua carteirinha de estudante da Escola Vasco Santos, e relembra a figura do comissário “Xeleteco”:

Ele era uma verdadeira pedra no nosso sapato, no meu sapato, porque ele era comissário de menor, dentro do governo militar, e ele não deixava passar nada [...]. Às vezes ia nos dois cinemas, porque, vamos supor, em um cinema estava passando um filme que não tinha censura... todos os filmes à noite normalmente era censura 14

anos; tinha 14, 16 e 18 anos. Então um cinema estava passando um filme censura 14 e no outro 18. Não importa qual cinema, ele ia e ficava na porta ali, no Cine Brasil ele ficava junto com o “Seu” Benedito ali na entrada, o Seu Benedito recebendo os ingressos, e ele checando a idade de cada pessoa que estava entrando, de cada um dos meninos que estavam entrando no cinema. Eu fiz de tudo, a gente fazia de tudo pra burlar isso (PIMENTA, 2017).

Também não podia, naquele momento, entrar no cinema de bermuda ou com qualquer tipo de alimento. “A gente não podia deixar entrar com nada, refrigerante, pipoca, nada disso. Se quisesse, tinha que comprar alguma coisa só na *bomboniere*” (REZENDE, 2017), que existia dentro do Cine Brasil, com bombons e balas variadas, menos chicletes, porque corria o risco de pregarem nas poltronas.

Mesmo tendo um pipoqueiro na porta do cinema, Celuta diz que o pessoal só consumia pipoca quando saísse da sessão, no caso de espectador, ou no caso de quem ficava fazendo *footing* e não ia ao cinema, mas ficava ali na porta, comendo pipoca e fazendo um movimento na rua, e também os que aguardavam a próxima sessão. Segundo ela, “[...] antigamente tinha muito movimento ali naquele quarteirão, não era fechado ainda. [...] O que enchia mais ali era aos domingos, todo domingo. [...] Os pais já faziam aquilo ali, e quando as meninas iam ficando assim, mocinhas, os jovens né, já começavam a ir também. Aquilo ali era conhecido como o “vai e vem” da Boa Vista” (REZENDE, 2017). O barbeiro Sebastião Ferreira dos Reis se lembra bem:

Na minha juventude, na época de rapaz solteiro, é impossível deixar de lembrar com saudade do tradicional e inocente “vai e vem” lá da Rua Boa Vista, hoje Presidente Olegário Maciel. Era uma coisa fantástica! Toda noite, principalmente nos fins de semana e feriados, a rua Boa Vista era fechada, e os rapazes punham a melhor roupa, caprichavam no penteado, engraxavam os sapatos e se perfumavam para o passeio de lá pra cá de um lado da rua. Já as moças, aprontavam-se com muita elegância, adornos nos cabelos e se perfumavam para encantar até as estrelas. Na época, eu ainda era solteiro, e a gente ficava andando com as amigas e namoradinhas até tarde da noite, com muito respeito e consideração. O “vai e vem” da Boa Vista era um acontecimento único e muito especial e era a diversão sadia e inocente da nossa cidade. Tinha o Cine Brasil, o Clube Brasil e seus bailes, e a gente era muito feliz. Naquela época, havia respeito, segurança e amizade verdadeira (REIS, 2015, p. 86-87).

Celuta também se recorda dessa atmosfera de flerte: “às vezes, muita moça fazia amizade comigo, mas a amizade era assim: elas iam entrar com o rapaz dentro do cinema e se por um acaso pai ou mãe fosse lá me perguntar se ela estava com alguém, era pra falar que não estava. [...] Muita gente ia pro cinema namorar escondido. Se algum parente chegasse eu ia lá e falava: ‘oh, seu pai está aí; oh sua mãe está aí’” (REZENDE, 2017), mas naquela época, para ela, tudo era mais tranquilo.

Durante a semana, as sessões eram todos os dias, às 19h, e aos sábados havia duas sessões precedidas dos bailes no Clube Brasil. “O pessoal que ia no baile já descia ali pra Boa

Vista e ficava ali naquele movimento até começar o baile, ou senão alguém ia no cinema na primeira sessão e na hora que acabava ia para o baile” (REZENDE, 2017). Portanto, é realmente um comportamento que se cria em torno daquele ambiente de diversão. Não é algo voltado apenas para o cinema ou para o clube, mas algo que está na calçada, naquela rua, no flerte do “vai e vem”. Hábitos e costumes que fizeram parte da história das pessoas que vivenciaram o Araxá daquele espaço, daquele tempo. Além de tudo, aos domingos tinha as matinês, totalizando quatro sessões: às 12h30, 16h, 19h e às 21h.

De acordo com Celuta (2017), o tipo de filme que mais lotava o Cine-teatro Brasil era faroeste, seguido dos “romanos”, como Ben-Hur (William Wyler, EUA, 1959), policiais como a saga do agente 007, e os italianos que passaram a exibir bastante naquela época, como recordou Azor “[...] o cinema italiano bateu de frente com os americanos, não só no *western*, mas em geral” (PIMENTA, 2017). Celuta conta que tinham muitos filmes com a Sophia Loren “quando passava filme que ela era a atriz principal o cinema também lotava” (REZENDE, 2017). “O cinema francês também as vezes entrava no meio. Aparecia muitos filmes da França, igual Catherine Deneuve, tinha Alain Delon, Jean-Paul Belmondo... muita gente. Naquela época, o cinema não era essa coisa só americanizada que a gente vê hoje. Os franceses mandavam muitos filmes para a América Latina, e Itália igualmente” (PIMENTA, 2017) (Figura 29).



Figura 29 – Cartazes de filmes exibidos no Cine Brasil. Década de 1960. (Fonte: Acervo Silvanita Marques)

Ambos entrevistados se lembram da estreia de *Dio, come ti amo!* (Miguel Iglesias, Espanha-Itália, 1966), no qual “uma menina cantora da época chamada Gigliola Cinquetti fez um filme com Mark Damon, que era um ator italiano, mas usava um nome americano não sei porque, sei lá porque os filmes saiam da Itália e passavam no mundo inteiro... Esse filme foi um espetáculo. Ele passou duas vezes em Araxá, e duas vezes a fila rodava a rua” (PIMENTA, 2017). Para Celuta (2017), “foi o maior tumulto, muita gente queria assistir”. Dentre todos os filmes que ela assistiu, este foi o mais marcante, pois conhece quase todo.

Outros dois filmes que provocaram “filas gigantescas na Olegário Maciel”, segundo Azor, foram Doutor Jivago (*Doctor Zhivago*, Inglaterra-Itália, David Lean, 1965) e *Love Story* (Arthur Hiller, EUA, 1970). Este último, ao lado de O Poderoso Chefão (*The Godfather*, Francis Fod Coppola, EUA, 1972), o citado *Dio, come ti amo!* e o faroeste Tempo de Massacre (*Le colt cantarono la morte e fu... tempo di massacro*, Lucio Fulci, Itália, 1966) são alguns dos vários filmes que o empresário assistiu no Cine Brasil e o marcaram. Já Celuta elege O Dólar Furado (*Un Dollaro Bucato*, Giorgio Ferroni, França-Itália, 1965) como um filme que deve ter marcado muita gente e um dos bons faroestes que não vê passar mais na televisão.

Com relação ao cinema nacional, Azor e Celuta apenas se referem aos filmes como pornográficos. Azor inclusive lembra que o som era bem precário. Isso se deve à crise econômica que assolou o país no começo de 1980, baixando a produção de filmes e aumentando o mercado de filmes pornôns, que contou ainda com abertura de salas exclusivas. No entanto, segundo a entrevista da ex-funcionária Celuta Rezende, quando era exibido algum filme do cineasta e humorista Mazzaropi o público já era maior, por ser um tipo de filme “mais leve”.

Pelas conversas com os entrevistados, é perceptível certo culto às “estrelas” dos filmes. Celuta lembra de Giuliano Gemma e Sophia Loren. Regina conta que uma tia era doida pelo Humphrey Bogart e que o filho dela, da aeronáutica, trouxe um retrato do ator em tamanho natural, que acabou ficando no corredor da casa da tia (AZEVEDO, 2017). Nicanor, anos depois de assistir *La Violetera*, fez parte da diretoria social do Clube Espéria, em São Paulo, e assistiu ao show de sua diva, Sarita Montiel. “Eu tinha levado o LP *La Violetera*, para tentar pegar o autógrafa dela – o que não me foi possível – mas era minha intenção fazê-lo” (FREITAS FILHO, 2017).

Já Azor acompanhou e assistiu toda a trajetória de Clint Eastwood, “desde que chegou à Itália em 65 até ano passado quando faleceu. Vi todos seus Oscars e vi [ele] ser chamado de brega e de cinema lixo até ganhar seu primeiro Oscar com *Unforgiven* [...]. *Million Dollar Baby* foi outro. Ele é da mesma idade do meu pai e os dois se pareciam muito...” (PIMENTA, 2017). Três Homens em Conflito (*Il Buono, il Brutto, il Cattivo*, Sergio Leone,

Itália, 1966) é um dos filmes que o empresário assiste repetidas vezes, sempre que pode (Figura 30).

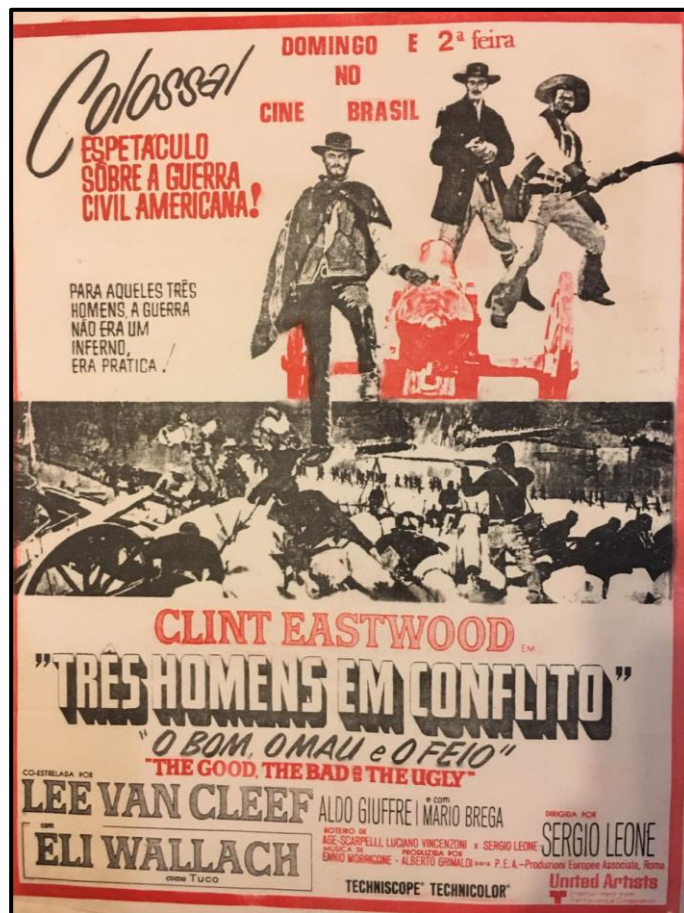


Figura 30 – Cartaz do Cine Brasil. Década de 1960. (Fonte: Acervo de Azor Pimenta)

Com relação à acessibilidade, Celuta afirma decisivamente que o Cine Brasil era acessível. Ela conta que:

Aos domingos, os patrões me deram liberdade de poder colocar pra dentro alguma criança pobre, de bairro, que tivesse aparecido por ali e quisesse assistir. Sempre tinha isso, sabe? Aparecia gente mais humilde, que não tinha condição de pagar, então eles [os donos] deixavam. Principalmente criança, mas tinha adulto também. Podia entrar de graça ou senão pagar meia entrada se fosse o caso de não ter condição de pagar inteira. Naquela época não tinha dificuldade, porque o cinema também vivia cheio (REZENDE, 2017).

A frequência do cinema foi diminuindo da mesma forma que diminuíram os arrendatários do cinema. Inicialmente era o trio Geraldo, Holmísio e “Zezão”, contudo, em virtude do falecimento dos dois primeiros, ficou apenas o “Zezão”, por volta dos anos 1980. O período em que ele ficou à frente do cinema sozinho correspondeu, no Brasil, à acentuação de fechamentos de cinemas de rua. Entre os motivos para isso, estão a popularização da televisão e de serviços de locação de filmes, aumento da violência urbana e surgimento de *shoppings centers*, nos quais “[...] em seu interior, uma cidade era recriada em suas características básicas

– avenidas, praças, chafarizes, esquinas e quarteirões -, sendo destinada aos pedestres, que tornavam os corredores dos *shoppings* espaços privilegiados para o *footing* do final do século XX” (FREIRE, 2012, p. 228).

Em 1984, no entanto, não foi o *shopping* que fez com que “Zezão” fechasse o Cine Brasil. Essa problemática só veio afetar Araxá vinte anos depois, em 2015, quando o contrato de arrendamento da sala não foi renovado pelo município após a abertura do Shopping Boulevard Garden. Segundo Celuta, o fechamento dos anos 1980 foi realmente pela baixa frequência, pelas pessoas que ficavam em casa assistindo filme, e afirma que, por trabalhar no cinema, já sentia que a tendência seria fechar. Àquela época, diz ela, “[...] se tivesse uma pessoa no cinema tinha que passar o filme. Às vezes passava filme com quatro pessoas lá. Aí já era prejuízo, era a luz, era o aluguel do filme que tinha que pagar...” (REZENDE, 2017). Com relação a isso, é importante lembrar que o fechamento de salas foi uma tendência no Brasil, em consequência das políticas econômicas, inflação, sucateamento das salas de cinema, etc.

Foi assim que o Cine-teatro Brasil ficou fechado por volta de uma década, até que na administração do prefeito Min. Olavo Drummond , o prédio todo foi reformado, sob o projeto de Isabel Tannús e execução da Palace Engenharia e Construções Ltda (Figuras 31 e 32). Remodelado, o prédio foi tombado como Patrimônio Histórico em 1998 e renomeado como Casa do Poeta, abrigando o Cine-teatro Brasil, a Biblioteca Pública Municipal Viriato Correia, Biblioteca Infantil e de braile, Academia Araxaense de Letras, Sala Clube Brasil e uma cafeteria (O TREM DA HISTÓRIA, 2000, p.4-5). Reaberto em 2001, o cinema foi arrendado pelo empresário Sérgio Abreu.



Figura 31 – Vista externa do prédio passando por reformas para abrigar a Casa do Poeta. Ano: 2000.
(Fonte: FCCB)

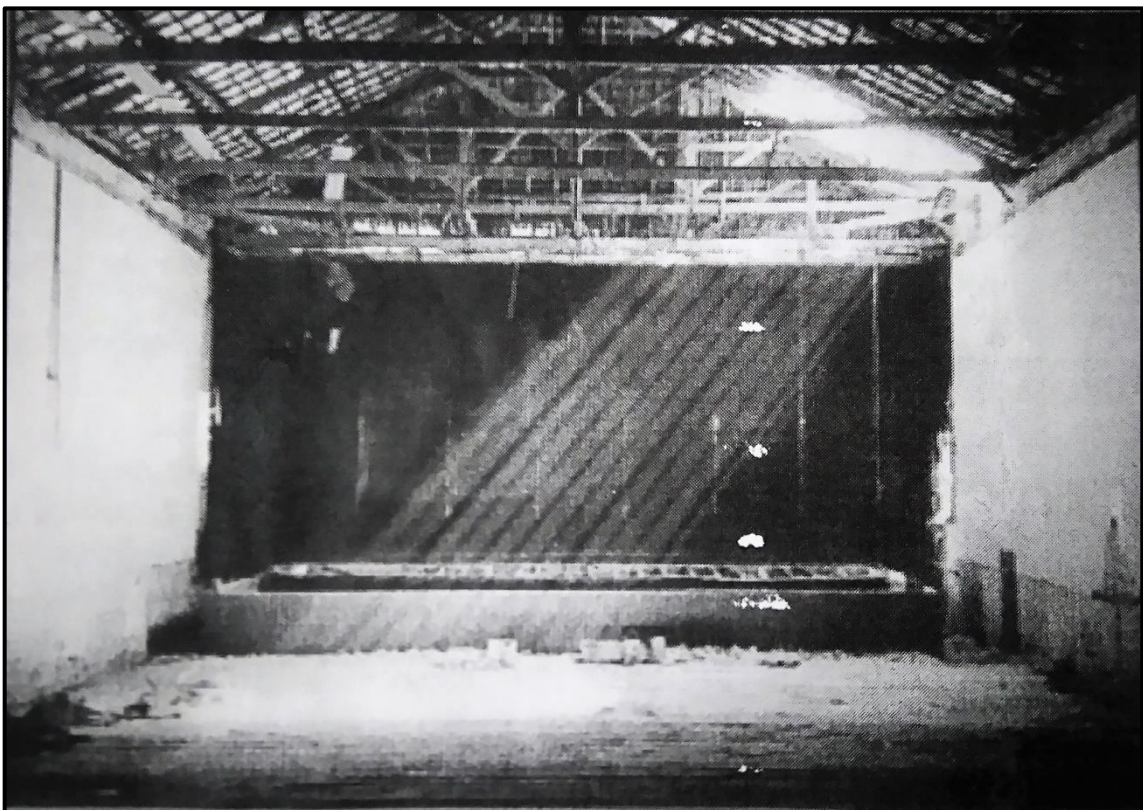


Figura 32 – Interior da sala do Cine Brasil passando por reformas. Ano: 2000.
(Fonte: O TREM DA HISTÓRIA, 2000, p. 5)



Figura 33 – Interior da sala do Cine Brasil. Década de 1940. (Fonte: MACHADO, SILVA, 1946)



Figura 34 – Interior da sala do Cine Brasil após reformas e durante palestra. Foto de Alex Carvalho. (Fonte: ACIA)⁹

A distribuição das poltronas na sala (Figuras 33 e 34), sempre respeitou o desenho original, mesmo depois que todo o prédio veio a ser reformado no final dos anos 1990. Como se percebe, são dois corredores e três filas de cadeiras, que originalmente eram de madeira e marcadas por letras. Outras diferenças são os ornamentos da sala, entre os quais existia um emblema com as iniciais C e B centralizado logo acima da tela, e as galerias.

⁹ Disponível em: < <http://www.aciaraxa.com.br/noticias:sucesso>>. Acesso em: 13 nov. 2017.



Figura 35 – Fachada do Cine Brasil após reforma. Ano: 2008. (Fonte: FCCB)



Figura 36 – Fachada do Cine Brasil, fechada. Ano: 2017. Foto de Amanda Gomes. (Fonte: Acervo próprio)

Recebendo a informação do novo fechamento do Cine Brasil, Azor sentiu uma grande pena:

[...] [O Cine Brasil] deve funcionar como teatro ou outra forma de cultura no mesmo local, porque é uma estrutura grande. Acho que cinema não deveria jamais acabar ou fechar as portas assim. Por aqui o pessoal não pensa assim. Moro pertinho do Cine Teatro Aventura que tem 24 salas de projeção e estão sempre em atividade. Principalmente nos finais de semana estão sempre algumas cheias. No Brasil, vejo o brasileiro meio que querer estar à frente do seu tempo antecipando alguns comportamentos com esse de não ver mais cinema porque podemos ver tudo do cinema na internet ou TV. Acho que não é por aí porque a qualidade de som e imagem é muito superior. E fora a magia do ato, em si, de ir a um cinema. Mesmo que o filme não seja bom. O ato de ir já é algo tipo o acontecimento do dia. Pelo menos pra mim é assim. [...] Não deixa de ser uma forma de cultura das boas. Pena mesmo (PIMENTA, 2017).

Celuta, passando por isso novamente, sente uma nova tristeza e acredita que o cinema deve ser utilizado como teatro, mas que agora, transferido para o *shopping*, se perde todo o charme e aconchego. “Eu acho que esses cinemas de hoje em dia eles são muito frios. Não assim frio no sentido de a gente sentir frio, mas as pessoas. Porque antes não, as pessoas já conviviam mais. Lá [Cine Brasil] tinha uma sala de espera que tinha banco nela todinha. [...] Então o pessoal as vezes chegava mais cedo e ficava ali batendo papo até na hora de começar a sessão” (REZENDE, 2017).

O Cine-teatro Brasil, como demonstram os relatos históricos e afetivos recolhidos, fez parte da vida social de Araxá. Em uma trajetória de 82 anos, teve um começo difícil ante as dificuldades do pós-Depressão, em 1930, e o conservadorismo social e religioso enfrentado pelos irmãos Arnaldo, Agenor e Agenério Braga de Araújo, da firma Arnaldo Araújo e Irmãos, que proveu a cidade do Cine-theatro Glória, a primeira centelha da afloração cinematográfica-cultural que viria a ser o Cine Brasil. Com a administração municipal e com a vinda do Clube Brasil, novas páginas férteis foram escritas em sua história, as quais nunca serão apagadas da memória das pessoas que, de alguma forma, frequentaram suas dependências.

5 CONCLUSÃO

A sudoeste de Minas Gerais, com seus quase 152 anos de cidade, Araxá possui história e manifestações culturais ricas, da mesma forma que possui aspectos naturais exuberantes, integrados a toda região do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro, nos quais possibilitaram a habitação dos indígenas Arachás e posteriormente de quilombolas, como de Ambrósio. Século mais tarde após os primeiros habitantes, suas riquezas naturais, no caso as fontes de águas salíferas, atraíram novos moradores: os criadores de gado.

Todas essas características foram primordiais para a constituição de uma estância hidromineral, capaz de servir ao turismo em Araxá já no século XX. Foi em torno disso que muitas melhorias foram feitas em busca de melhor servir os visitantes e moradores. Hotéis, ruas e praças foram construídos, automóveis circulavam atendendo aos “aquáticos”, ligação férrea foi feita, etc. Em meio a tais melhorias urbanas, foram inseridas opções de lazer. Cassinos, teatros e sobretudo, cinemas. Nos anos 1950, era uma cidade que dispunha de cerca de 20 mil habitantes, com 4 cinemas, 12 hotéis e pensões, além 1 clube recreativo e 2 bandas de música.

Inicialmente, Araxá bem-dispunha de 1 teatro e 2 cinemas, contudo não dispunha de um ambiente para os encontros e festas sociais. Assim, em 1930, os irmãos Agenor, Agenério e Arnaldo Braga de Araújo fundaram o Cine-theatro Glória, em um prédio moderno, provido não só de cinema e teatro, como de salões de bailes e jogos, bar e cabaré. Começaram, doravante, os bailes temáticos e os famosos Carnavais, e pelo cinema a sociedade pôde usufruir de sessões filantrópicas e, principalmente, de exhibições de filmes nacionais e estrangeiros, nessa que foi a primeira sala da cidade tomada pelo aparelhamento sonoro.

Sem o retorno financeiro esperado, o prédio acabou por ser vendido ao estado de Minas Gerais em 1933, sob a gestão de Olegário Maciel, passando a ser administrado pela Prefeitura. Já ao final daquela década, a associação recreativa Clube Brasil que já se instalara no Edifício Glória, adquiriu todo o prédio e acomodações, vindo a gerenciar o agora chamado Cine-teatro Brasil. Nas décadas seguintes, criou-se ao redor desse espaço uma atmosfera de sociabilização, contando com os bailes e festas promovidos e com as sessões de filmes, abrindo espaço para a continuação de um flerte que primeiramente começava na calçada, com o “vai e vem” da Rua Boa Vista. O prédio do Cine Brasil também foi um ponto político, com pronunciamentos de pessoas públicas, como Jânio Quadros e Clóvis Salgado, além de palavras proferidas aos pracinhas araxaenses, que se sacrificariam na 2ª Guerra Mundial no lado aliado, e saudações ao governo Getulista.

Atualmente, no entanto, esse cinema encontra-se fechado, assim como todos os outros cinemas de rua. Há que se lembrar que na década de 1950, com uma população quatro quintos menor do que a existente hoje, Araxá possuía o dobro de salas, e é importante colocar que elas se encontravam em espaços distintos, apesar de serem centrais, diferente do que as duas únicas salas presentes hoje no Shopping Boulevard Garden, que totalizam juntas 365 lugares. Por essa lógica, segundo dados estimativos do IBGE em 2015 que colocam a cidade com aproximadamente 102.238 habitantes, existe uma poltrona para cada 280 habitantes.

Em relação a outros países, o Brasil é o que tem uma das médias mais baixas de salas de projeção de filmes – aproximadamente 6,9% dos municípios possuem cinemas -, sendo que grande parte se concentra na região Sudeste. Se a meta dos investimentos governamentais é aumentar o número de salas disponíveis para cada habitante, no caso diminuir de 65 mil para 60 mil habitantes por sala, uma saída seria se voltar para as muitas que estão nas ruas, mas permanecem fechadas. Descentralizar-se-ia, desse modo, a oferta de salas, e se voltaria para as cidades de pequeno e médio porte, muitas no interior dos estados do país.

O hábito de ir ao cinema é realmente um ritual que abarca uma magia, de sair de casa e se encontrar com um mundo novo. Destarte, assistir a uma obra cinematográfica em um cinema de rua, além de contemplar um espaço que é próprio, é exercer democraticamente uma sociabilidade que inclui experimentar a cidade. Um dos aspectos mais importantes que percebemos a partir das entrevistas colhidas é como os narradores sempre se referem ao Cine Brasil com nostalgia e em grande parte isso se deve a tal processo habitual e comportamental de ir ver um filme, no qual instituíram-se modos de relacionamento que somente quem passou por aquele ambiente pôde vivenciar.

Afinal, o Cine-teatro Brasil não é só uma contribuição histórica e cultural, dado pela arquitetura e pelo período de sua construção, como um patrimônio tombado de Araxá com forte ligação afetiva com a população. Dos 152 anos da cidade, mais da metade o prédio que abriga este cinema esteve em funcionamento. Consequentemente, ele ainda pode ser uma “fábrica de sonho”, como Silvanita Marques define o cinema como um todo, se o município, detentor do prédio por comodato até 2028, perceber sua relevância e valorizar seu passado, agregando-o ao presente por meio de políticas públicas efetivas. A história não termina aqui, pois assim como estampa o brasão da cidade de Araxá, essa pesquisa é para que a memória do Cine Brasil resista, *Ut Omnes Me Meminerint* – “para que seja sempre lembrada”.

REFERÊNCIAS

1 BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, Circos e Cinemas de São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

BORGES, José Dagualberto. **Álbum histórico de Araxá**. Uberaba: Saga Editora e Gráfica, 2015.

BRAGA, Ataídes. **O Fim das Coisas**: as salas de cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: PBH - Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Cultura, 1995. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/21117936/O-Fim-Das-Salas-de-Cinema-em-BH>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Brasil, Novo Mundo**. Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Estudo Crítico de João Antônio de Paula. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996. (Coleção Mineiriana)

_____. _____. Tradução de Myriam Ávila. Estudo Introdutório e Notas de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001. v. 2. (Coleção Mineiriana)

FCCB, Fundação Cultural Calmon Barreto. **Araxá e seus Patrimônios**. Araxá: FCCB, 2010.

FRANÇA, Luiz Humberto. **Araxá, 150 anos: História, Cultura e Desenvolvimento**. Divinópolis: Gulliver Editora, 2015.

FREIRE, Rafael de Luna. **Cinematographo em Nictheroy**: história das salas de cinema de Niterói. Niterói, Rio de Janeiro: Niterói Livros, 2012.

GOMES, Paulo Augusto. **Pioneiros do cinema em Minas Gerais**. Prefácio de Cunha de Leiradella. Belo Horizonte, Crisálida, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Araxá. In: _____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 24. p. 100-105. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2017.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. **Via de duplo sentido**: Araxá cidade-balneário 1920-1940. 2007. 334 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARQUES, Silvanita França Jordão. **Fábrica de sonhos**: o cinema em Araxá e o imaginário modernista na primeira metade do século XX. 2005. 49 f. Monografia (Pós-graduação em História) - Instituto Superior de Educação, Centro Universitário do Planalto de Araxá, Araxá, 2005.

MARTINS, Tarcísio José. **Quilombo do Campo Grande**: história de Minas que se devolve ao povo. Belo Horizonte: Santa Clara, 2008. Disponível em:

<<http://www.mgquilombo.com.br/download/quilombodocampogrande.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MEDEIROS, Adriano. **Cinejornalismo brasileiro**: uma visão através das lentes da Câmera Film. Juiz de Fora, Minas Gerais: Funalfa, 2008.

MATTOS, A.C. Gomes de. **Do cinetoscópio ao cinema digital**: breve história do cinema americano. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. Disponível em: <<https://designvisualuff.files.wordpress.com/2011/08/mattos-a-c-gomes-de-do-cinetoscopio-ao-cinema-digital.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

SÁ-FORTES, Rubem. Complexo Hidrotermal e Hoteleiro do Barreiro. In: IEPHA, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Guia de bens tombados IEPHA/MG**. 2. ed. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014. v. 2. p. 269-272. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/7/GBT-V2.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

2 ENTREVISTAS

AZEVEDO, Rasma Porfírio de. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Araxá, 7 nov. 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

AZEVEDO, Regina Porfírio de. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Araxá, 7 nov. 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

FREITAS FILHO, Nicanor de. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Via Internet, 15 nov. 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

PIMENTA, Azor José. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Via Internet, 12 nov. 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

REZENDE, Celuta. Entrevista concedida a Amanda Carvalho Gomes. Araxá, 3 nov. 2017. Acervo pessoal. Suporte digital.

3 IMAGENS AUDIOVISUAIS E FOTOGRÁFICAS

ARAXÁ. **Rotary Club de Araxá**, Araxá, p. 4, janeiro de 1956.

Cinearte. Rio de Janeiro, ano 5, n. 224, p. 36, jun. 1930. Disponível em: <http://mls.bireme.br/_popup_pdf.php?data=c|1930|06|05|0224>. Acesso em: 4 nov. 2017.

Cinearte. Rio de Janeiro, ano 8, n. 310, p. 5, fev. 1932. Disponível em: <http://mls.bireme.br/_popup_pdf.php?data=c|1932|02|07|0310>. Acesso em: 4 nov. 2017.

CINE BRASIL. **Jornal de Araxá**, Araxá, p. 3, 8 nov. 1952.

CINE Brasil – Hoje. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 6, 20 out. 1957.

CINE Rádio Imbiara. **Jornal de Araxá**, Araxá, 6 dez. 1952.

CINE Teatro Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 26 jan. 1958.

CINEMA-ARAXÁ. **Correio de Araxá**, Araxá, 8 jun. 1913.

CINE TRIANON. **Cidade de Araxá**, Araxá, p. 1, 20 jan. 1929.

CINE TRIANON. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 2, 1 set. 1957.

CINE TRIANON. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 4, 27 dez. 1959.

MACHADO, Aires da Matao Filho; SILVA, Sebastião de Affonseca e. **História do Araxá**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1946.

RECITAL de piano. **Correio de Araxá**, Araxá, jul. 1959.

Um dos filmes produzidos pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) sobre as visitas da comitiva presidencial à construção do Complexo Hidrotermal do Barreiro: CINE-JORNAL Brasileiro. Departamento de Imprensa e Propaganda. Son., p & b. Disponível em: < <https://youtu.be/ILHtBbitQyU>>. Acesso em: 20 set. 2017.

4 JORNAIS

A IMBIÁRA em festas!. **Jornal de Araxá**, Araxá, p. 2, 9 ago. 1952.

A NOSSA urucubaca. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 5 set. 1915.

A NOVA desapropriação do Barreiro. **Renovação**, Araxá, p. 1-2, 8 jul. 1934.

A PATRULHA da madrugada. **A Opinião**, Araxá, 20 mar. 1932.

A REUNIÃO dos empresários cinematographicos do Triangulo. **Jornal de Araxá**, Araxá, p.1, 13 nov. 1927.

A SEMANA da caridade: as grandes festas em beneficio da Santa Casa de Misericordia. **A Opinião**, Araxá, 29 mai. 1932.

ÀS PORTAS do reinado da folia!!. **Renovação**, Araxá, 28 jan. 1934.

ARAXÁ completa 150 anos como cidade. **Clarim**, Araxá, 19 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.clarim.net.br/noticia/8638>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

ARAXÁ rendeu ao exmo. snr. Dom José as maiores e mais expressivas homenagens. **Almenara**, Araxá, p. 1-4, 19 mai. 1935.

ARRENDADO pelo prazo de um anno o Cine-Theatro Municipal. **Renovação**, Araxá, 4 fev. 1934.

CINE Brasil. **Gazeta de Araxá**, Araxá, jul. 1949.

CINEMA. **Almenara**, Araxá, 1 jun. 1935. Voz Parochial, p. 4.

CINE-MUNICIPAL, hoje!. **Renovação**, Araxá, 20 mai. 1934a.

CINE-MUNICIPAL. **Renovação**, Araxá, 12 ago. 1934b.

CINE-MUNICIPAL. **Renovação**, Araxá, 9 set. 1934c.

CINEMA Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 2, 13 jul. 1913.

CINEMA Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 23 nov. 1913.

CINEMA Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 25 jan. 1914.

CINEMA Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 21 mar. 1915.

CINEMA Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 2, 18 abr. 1915.

CINEMA Trianon. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 2, 12 mar. 1927.

CINEMASCOPE no Barreiro. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 29 mar. 1959.

CINE-THEATRO Gloria. **A Opinião**, Araxá, 13 mar. 1932a.

CINE-THEATRO Gloria. **A Opinião**, Araxá, 17 abr. 1932b.

CINE-THEATRO Gloria. **A Opinião**, Araxá, 8 mai. 1932c.

COM verba de conservação de rodovias (fornecida pelo govêrno) iniciou-se a estrada Uberlândia-Araxá. **Correio de Araxá, Araxá**, 5 jun. 1960.

DE MAL a pior. **Correio de Araxá, Araxá**, p. 1, 25 jan. 1914.

DIVERSÕES. **A Faísca**, Araxá, 12 jul. 1930.

DIVERSÕES. **A Opinião**, Araxá, 3 abr. 1932a.

DIVERSÕES. **A Opinião**, Araxá, 24 abr. 1932b.

DIVERSÕES. **A Opinião**, Araxá, 8 mai. 1932c.

DIVERSÕES. **A Opinião**, Araxá, 15 mai. 1932d.

DOM José Gaspar de Affonseca e Silva. **Almenara**, Araxá, 15 abr. 1935.

DR. Benedicto Valladares. **Renovação**, Araxá, p. 2, 8 jul. 1934.

EM ARAXÁ: Jazida de Fosfatos Atinge 92 Milhões de Toneladas. **Correio de Araxá, Araxá**, 29 mai. 1960.

ESTÁ chegando a hora!. **Renovação**, Araxá, 4 fev. 1934.

ESTRADA Araxá-Franca. **Correio de Araxá, Araxá**, p. 4, 19 abr. 1959.

FILME colorido de Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 29 nov. 1959.

FILMES sobre o Câncer, em Araxá. Virá o Dr. Hélio Angotti. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 4, 1 set. 1957.

FESTIVAL beneficente. **A Opinião**, Araxá, 19 jun. 1932.

FUTURA Matriz. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 25 jan. 1914.

HOJE: Inauguração do CinemaScope no Barreiro. **Correio de Araxá**, Araxá, p.1, 17 mai. 1959.

HOJE! No Cine-Glória: O Vampiro de Dusseldorf. **A Opinião**, Araxá, 23 mar. 1933.

HOJE! Municipal. **Renovação**, Araxá, 11 mar. 1934.

INICIADA. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 1 fev. 1914.

IREMOS pelo progresso afóra com botas de sete léguas. **Jornal de Araxá**, Araxá, 6 set. 1952.

JUSTUS. Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 13 abr. 1913.

MACHADO, Almeida. De 1915 a 1927. **Cidade de Araxá**, Araxá, 19 ago. 1928. Às vezes, p.1.

NOS LABORATÓRIOS da Itamonte o filme de Araxá. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 20 dez. 1959.

NOVAMENTE com Irmãos Porfírio o Trianon. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 6 dez. 1959.

O CINEMA. **Almenara**, Araxá, p. 1, 1 jun. 1935.

O RAMAL de Uberada-Araxá. **Gazeta do Araxá**, Araxá, p. 1, 2 set. 1917.

P.A. Ruínas douradas. **A Faísca**, Araxá, 12 jul. 1930.

PELMEX deseja filmar a vida da “Feiticeira do Araxá” – As cenas seriam tomadas em nossa terra. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 15 fev. 1959.

PELO progresso de Araxá. **Cidade de Araxá**, Araxá, p. 1, 13 jan. 1929.

POLÍTICA municipal. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 1, 18 abr. 1915.

RÁDIO Imbiara de Araxá completa 70 anos amanhã. **Jornal Interação**, Araxá, 5 ago. 2016.

Disponível em: <<http://jornalinteracao.com.br/?p=53787>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

REABERTURA do antigo “Bar e Restaurant Gloria”. **Renovação**, Araxá, 28 jan. 1934.

SCARFACE, com Paul Muni e Boris Karloff. **Renovação**, Araxá, 13 mai. 1934.

SHORT: CITA não adotou regime de privilégio. **Correio de Araxá**, Araxá, p. 4, 31 jan. 1960.

SYMPHONIA inacabada. **Almenara**, Araxá, p. 4, 1 abr. 1935.

X. Araxá III. **Correio de Araxá**, Araxá, 27 jul. 1913. Notas de um errante, p. 1-2.

_____. Filmando... O cinema falante. **Cidade de Araxá**, Araxá, 6 jan. 1929.

5 REVISTAS

ARAÚJO, Ênio Braga de. Agenor Braga de Araújo, o caixeiro viajante que construiu o Clube e o Cine Brasil. **Araxá em Revista**, Araxá, 2. ed., p. 62-63, mar. 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/segunda-edicao>>. Acesso em: 20 set. 2017.

CINEMAS e cinematographistas. **Cinearte**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 370, p. 37, jul. 1933. Disponível em: <http://mls.bireme.br/_popup_pdf.php?data=c|1933|07|08|0370>. Acesso em: 4 nov. 2017.

FREIRE, Rafael de Luna. Cinetom e outros tons: a adaptação do circuito exibidor brasileiro ao cinema sonoro. **Filme Cultura**, Rio de Janeiro, n. 58, p. 20-24, jan./fev./mar. 2013.

GÉA, Francisco José. Lafitte, o corsário. **Araxá em Revista**, Araxá, 4. ed., p. 72-73, out./nov. 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/quarta-edicao>>. Acesso em: 20 set. 2017.

O TREM DA HISTÓRIA. Araxá: FCCB, ano 6, n. 22, jan./abr. 1997.

_____. Araxá: FCCB, ano 10, n. 31, dez. 2000.

_____. Araxá: FCCB, ano 25, n. 50, nov. 2015.

REIS, Sebastião Ferreira dos. O “vai e vem” da Rua Boa Vista. **Araxá em Revista**, Araxá, 1. ed., p. 86-87, dez. 2015. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/primeira-edicao>>. Acesso em: 20 set. 2017.

RESENDE, Regina Porfírio Botelho de. Geraldo Porfírio Botelho: Líder, visionário e empreendedor. **Araxá em Revista**, Araxá, 2. ed., p. 70-71, mar. 2016. Disponível em: <<http://araxarevista.com.br/segunda-edicao>>. Acesso em: 20 set. 2017.

6 SITES

BRENER, Rosinha Spiewak. M., o Vampiro de Dusseldorf – Uma sinfonia de ruídos e silêncio. Mnemocine, 9 mai. 2009. Página da Internet lançada em agosto de 1999. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/29-somcinema/158-mvampiro>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

FREITAS FILHO, Nicanor de. Caso 56 BHC. 5 ago. 2012. Disponível em: <<https://freitasnet.blogspot.com.br/2012/08/causo-56-bhc.html>>. Acesso em: 24 out. 2017.

_____. La Violetera. 30 mai. 2017. Disponível em: <<https://freitasnet.blogspot.com.br/2017/05/la-violetera.html>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

TEATROS do Centro Histórico do Rio de Janeiro. CTAC, Centro Técnico de Artes Cênicas. Sistema em operação desde o dia 15 de setembro de 1997. Disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/teatroXperiodo.asp?cod=154&cdP=5&tipo=Identificacao>>. Acesso em: 4 nov. 2017.